

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
Centro Socioeconômico - CSE
Departamento de Economia e Relações Internacionais – CNM
Bacharelado em Ciências Econômicas

ANTONIO RICARDO COLEN DE OLIVEIRA PÊGO

**Fatores que interferem na consolidação do enoturismo como um setor orgânico da
economia local em Bento Gonçalves/RS**

Florianópolis
2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO - CSE
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - CNM
BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL**

**Fatores que interferem na consolidação do enoturismo como um setor orgânico da
economia local em Bento Gonçalves/RS**

Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof.^a. Carmen R. O. G. Gelinski, Dra.

**Florianópolis
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pêgo, Antonio Ricardo Colen de Oliveira

Fatores que interferem na consolidação do enoturismo
como um setor orgânico da economia local em Bento
Gonçalves/RS. / Antonio Ricardo Colen de Oliveira Pêgo ;
orientador, Carmen Rosário Ortiz Gutierrez Gelisnki, 2019.
75 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis,
2019.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Desenvolvimento
Socioeconômico. 3. Desenvolvimento Regional e Urbano. 4.
Turismo. 5. Enoturismo. I. Rosário Ortiz Gutierrez
Gelisnki, Carmen . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO - CSE
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - CNM
BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL**

A banca examinadora resolveu atribuir a nota 9,0 ao aluno Antonio Ricardo Colen de Oliveira Pêgo na Disciplina CNM 7107 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca examinadora:

Prof.^a. Carmen Rosário Ortiz G. Gelinski, Dra. (Orientadora) – CNM/UFSC

Prof. Armando Melo Lisboa, Dr. – CNM/UFSC

Prof. Gueibi Peres Souza, Dr. – CNM/UFSC

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida e pela oportunidade de viver.

Aos meus pais biológicos (*in memoriam*), especialmente à minha mãe que, com bravura e não possuindo diploma algum, alfabetizou todos os seus filhos em casa.

À minha mãe adotiva que, inexplicavelmente, abdicou da sua própria paz em favor de três crianças que não gerou.

Aos meus irmãos Nilce, Heliel e Hélio que, mesmo longe, acreditam em mim.

Aos meus amigos e companheiros de graduação Felipe Lombardi, Gustavo Cândido, Júlio Pontes e Ricardo Gili (em ordem alfabética para não gerar ciúmeira) pela amizade durante uma das fases mais desafiadoras da minha vida.

À minha Prof.^a e Orientadora Carmen, que é um exemplo de docência, equilíbrio e paciência.

Aos meus demais mestres que me ajudaram a ser um aluno e um ser humano melhor.

Muito obrigado!

“I posti più caldi all'Inferno sono riservati a coloro che nei momenti di grande crisi morale mantengono la loro neutralità.”

DANTE ALIGHIERI (1265)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar quais possíveis fatores foram determinantes para a implantação e a consolidação do enoturismo em Bento Gonçalves/RS, e se esse setor se constitui como uma alternativa orgânica de geração de renda que se projeta no longo prazo. Para subsidiar os conceitos abordados, foi realizada uma revisão literária acerca das principais teorias de desenvolvimento regional, dos arranjos produtivos locais e do turismo como indutor de desenvolvimento regional. A metodologia empregada é o estudo de caso, e consistiu em levantamento de dados secundários e revisão literária. A análise permitiu concluir que o enoturismo se tornou importante na região pela combinação de fatores históricos, geográfico-climáticos, culturais e institucionais. Foi possível também, através do emprego da técnica de Análise SWOT, verificar que o setor é dinâmico em resolver suas fraquezas e possui condições de se antecipar aos riscos, fazendo dele competitivo o suficiente para receber do Ministério do Turismo do Governo Federal o selo de “Destino Indutor do Turismo”.

Palavras-chave: Enoturismo. Turismo. Vinho. Vitivinicultura. Bento Gonçalves. Desenvolvimento Socioeconômico.

ABSTRACT

This paper aims to investigate which possible factors were determinant for the implementation and consolidation of wine tourism in Bento Gonçalves / RS, and if this sector is constituted as an organic alternative for income generation that is projected for a long time. To support the concepts discussed, a literature review was conducted on the main theories of regional development, local productive arrangements and tourism as inducer of regional development. The methodology used is the case study, and consisted of secondary data collection and literary review. The analysis concluded that wine tourism became important in the region due to the combination of historical, geographical, climatic, cultural and institutional factors. It was also possible, through the use of the SWOT Analysis technique, to verify that the sector is dynamic in resolving its weaknesses and able to anticipate risks, making it competitive enough to receive from the Ministério do Turismo do Governo Federal the seal of “ Tourism-Inducing Destination”.

Keywords: Wine tourism. Tourism. Wine. Viticulture. Bento Gonçalves. Socioeconomic Development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização geográfica de Bento Gonçalves.....	20
Figura 2: Linha do Tempo da Vitivinicultura em Bento Gonçalves.....	39
Figura 3: Gráfico dos <i>Stakeholders</i> do Enoturismo.....	50
Figura 4: Interação dos Fatores Favoráveis ao Enoturismo.....	51
Figura 5: PIB por setor econômico de 2008 a 2017.....	53
Figura 6: Arranjo Produtivo Moveleiro no Rio Grande do Sul.....	55
Figura 7: Situação de BG em cada indicador de competitividade.....	58
Figura 8: Produção de uvas no RS por classificação.....	60
Figura 9: Prêmio Alcançados no Exterior de Vinhos Brasileiros.....	62
Figura 10: Matriz SWOT do enoturismo de BG.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução na quantidade de visitantes 2003-2014.....	18
Gráfico 2: Variação nº de visitantes x oferta de leitos.....	19
Gráfico 3: PIB per capita de Bento Gonçalves x RS e BR.....	23
Gráfico 4: Variação do número de vagas ocupadas nos setores entre 2013 e 2017.....	23
Gráfico 5: Número de salários mínimos pagos em cada setor entre 2013 e 2017.....	24
Gráfico 6: Evolução na quantidade de espécies de uvas europeias plantadas localmente.....	40
Gráfico 7: Evolução do Índice de Competitividade do Turismo de BG.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais indicadores socioeconômicos de Bento Gonçalves.....	20
Tabela 2: Distribuição do total de inscrições municipais (PJs e MEIs) de 2015 a 2017.....	21

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABE** - Associação Brasileira de Enologia
- AGEITEC** - Agência Embrapa de Informações Tecnológicas
- APL** - Arranjo Produtivo Local
- APROVALE** - Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos
- ASPIL** - Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais
- CAGED** - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
- CIC/BG** - Centro da Indústria e Comércio de Bento Gonçalves
- DOC** - Denominação de Origem Controlada
- EMBRAPA** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- FEE** - Fundação de Economia e Estatísticas do Rio Grande do Sul
- FENAVINHO** - Festa Nacional do Vinho
- FJP** - Fundação João Pinheiro
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- IBRAVIN** - Instituto Brasileiro do Vinho
- IDH** - Índice de Desenvolvimento Humano
- IFRS** - Instituto Federal do Rio Grande do Sul
- IG** - Indicação Geográfica
- IP** - Indicação de Procedência
- IPEA** - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
- IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- IPTU** - Imposto Territorial Urbano
- ISS** - Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza
- IVS** - Índice de Vulnerabilidade Social
- MEI** - Microempresário Individual
- MTE** - Ministério do Trabalho e Emprego
- Mtur** - Ministério do Turismo
- PIB** - Produto Interno Bruto
- PJ** - Pessoa Jurídica
- PNUD** - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- SIGH** - Sindicato das Empresas de Hotelaria e Gastronomia
- SINDIVINHOS** - Sindicato dos Produtores de Vinhos e Derivados de Uva
- UCS** - Universidade de Caxias do Sul

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UVIBRA - União Brasileira de Vitivinicultura

VAF - Valor Adicionado Fiscal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.1.2 Panorama Histórico de Bento Gonçalves	19
1.1.3 Panorama Geográfico e Socioeconômico.....	20
1.2 OBJETIVOS.....	24
1.2.1 Objetivo Geral	24
1.2.2 Objetivos Específicos	25
1.2 JUSTIFICATIVA	25
1.3 METODOLOGIA.....	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
2.1 O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO ESPAÇO RURAL.....	29
2.2 OS APLs E SUA CONCEITUAÇÃO PARA ATIVIDADES CULTURAIS.....	31
2.3 O POTENCIAL DO TURISMO NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	35
3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O SUCESSO DO ENOTURISMO EM BENTO GONÇALVES/RS.....	38
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS.....	38
3.2 ASPECTOS CULTURAIS.....	41
3.3 PARTICULARIDADES GEOGRÁFICAS E CLIMÁTICAS	43
3.4 FATORES INSTITUCIONAIS.....	44
3.4.1 Principais <i>stakeholders</i> do enoturismo	44
3.4.2 Gráfico dos <i>stakeholders</i> do enoturismo	50
4 O ENOTURISMO COMO COMO UM SETOR ORGÂNICO DA ECONOMIA LOCAL	52
4.1 A ANÁLISE SWOT APLICADA AO SETOR DE ENOTURISMO.....	56
4.1.1 Ambiente interno: forças e fraquezas	56
4.1.2 Ambiente externo: oportunidades e ameaças	61
4.2 SÍNTESE DA MATRIZ SWOT DO ENOTURISMO.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

Muito embora a vitivinicultura¹ seja uma prática milenar com indícios de cultivo “desde o ano 7.000 a.C” (VALDUGA, 2011, p. 18), a atividade recreativa de turismo entorno dos vinhedos e das vinícolas é um fenômeno recente. Locks e Tonini (2005) definem a década de 1980 e a Europa como o marco temporal e geográfico do início do enoturismo. Locks e Tonini (2005, p. 159) também definem enoturismo como sendo “um segmento da atividade turística que se fundamenta em viagens que são motivadas por pessoas que apreciam o aroma, o sabor e a degustação de vinhos, bem como a apreciação das tradições e tipicidade das localidades que produzem esse tipo de bebida”.

Essa definição parece ser bastante apropriada por sintetizar a essência da indústria do enoturismo: um movimento de pessoas à procura de sabores, cores, aromas e belezas natural, patrimonial e cultural. O consumidor dessa indústria não se interessa em consumir apenas vinho. Ele deseja consumir experiências e, para tal, visita uma região específica segundo seus interesses e objetivos.

O enoturismo se destaca, portanto, por ser uma indústria com enorme potencial de diversificação, pois diferentes combinações de sensações podem ocorrer quando consideradas as muitas variedades de uvas e vinhos existentes, as diversas culturas e línguas que dominam a prática pelo mundo e os diversos climas e paisagens que congregam essas culturas. De acordo com Lavandoski et al. (apud Hall et al., 2002; Mitchell et al., 2012; Charters, 2006) no enoturismo há uma complexa interação dos elementos locais, do meio natural, da gastronomia, dos aspectos sociais, históricos e culturais e das instituições - sem desprezar o paisagismo e a ruralidade – na promoção dessa forma peculiar de turismo cultural. Pode-se dizer, conclusivamente, que o combustível do enoturismo está no *terroir*².

Como já dito, o enoturismo nasceu na Europa, especificamente entre os quatro maiores produtores de vinho no mundo: França, Itália, Espanha e Portugal. Segundo Pacheco e Silva (2001), a visitação de vinhedos e vinícolas nestes países são tão ou mais praticadas quanto

¹ Entende-se por vitivinicultura toda atividade envolvida na produção de uvas e sua fermentação. O prefixo “viti” é atribuído à videira e “vini”, ao vinho. Também são frequentemente utilizadas as palavras “viticultura” (para designar apenas a produção de uvas) e “vinicultura” (quando se refere a apenas produção de vinhos ou similares). A palavra “enologia” também é comumente utilizada para designar a vinicultura.

² *Terroir* é o termo conferido para designar as particularidades de uma determinada região produtora de vinho, com clima, solo, altitude, cultura e instituições particulares da localidade.

visitações a museus e monumentos. Ele destaca que essa parte do mundo concentra, além de uma imensa produção, um grande acervo patrimonial histórico e uma vasta diversidade cultural e gastronômica. As vinícolas da França, por exemplo, segundo VALDUGA (2011), oferecem aos visitantes, além dos tradicionais roteiros enogastronômicos, tratamentos de saúde conhecidos como “vinoterapia”, revelando o potencial criativo dessa indústria.

Valduga (2011) também ressalta que, atualmente, um dos maiores polos de enoturismo não está na Europa, mas nos Estados Unidos. O Napa Valley, no estado da Califórnia, situado em uma região com clima similar ao mediterrâneo, concentra a maior parte das atividades de enoturismo na América do Norte, o que a situa como um dos principais destinos de enoturismo hoje no mundo.

No Brasil, a atividade de enoturismo está em franca consolidação. Valduga (2012) define o distrito do Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves/RS, e as décadas de 30 e 70 como marcos geográfico e temporal da fase embrionária dessa indústria no Brasil, embora reafirme que o período de expansão e consolidação se deu após a década de 90. Foi em 1995, segundo Valduga (2012), com a criação da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), que pela primeira vez foi iniciada uma estratégia de promoção do turismo vitivinícola e da vinicultura nacional.

A APROVALE foi oficialmente fundada em fevereiro de 1995 por seis produtores de vinhos finos localizados no Vale dos Vinhedos, região rural situada majoritariamente no município de Bento Gonçalves, mas com abrangência também em Garibaldi e Monte Belo do Sul, também municípios produtores de uva e vinho (APROVALE, 2018).

A APROVALE nasceu com a missão de “promover o desenvolvimento sustentável do Vale dos Vinhedos através do enoturismo, da integração entre os associados e a comunidade, e para fomentar a busca contínua pela excelência em produtos e serviços” (APROVALE, 2018, pg. 9).

Em 2001 a entidade já congregava 22 vinícolas e outros 40 empreendimentos de apoio ao turismo, como restaurantes, hotéis, pousadas, ateliês, etc. As vinícolas variam em tamanho, sendo elas “familiares, com elaboração limitada e venda exclusiva em seu varejo, como também grandes empresas com presença internacional” (APROVALE, 2018, pg. 11).

Apesar dessa iniciativa local, o município de Bento Gonçalves conta com outras regiões produtoras, como o distrito de Tuiuty, o Vale do Rio das Antas e a rota turística “Caminho de Pedras”. É no Vale dos Vinhedos, portanto, que se localizam as maiores e principais vinícolas, sendo a única região do país a obter do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual - INPE, em 2002, o selo de Denominação de Origem (APROVALE, 2018).

A obtenção do selo de Denominação de Origem é considerada um marco para a vitivinicultura nacional, pois lançou uma luz sobre o potencial da região da Serra Gaúcha em integrar um seleto grupo de lugares no mundo que produzem um produto seguindo rigorosos padrões de qualidade em todas as etapas da cadeia de produção. Não se sabe se esse evento foi o causador da crescente onda de visitação nas vinícolas locais, mas é fato que a manutenção do selo requer, necessariamente, intensos esforços e investimentos para “honrar” com o compromisso firmado com a qualidade dos produtos oriundos da região. Junto com o selo, intensificou-se a busca pela qualidade também nos serviços turísticos das próprias vinícolas.

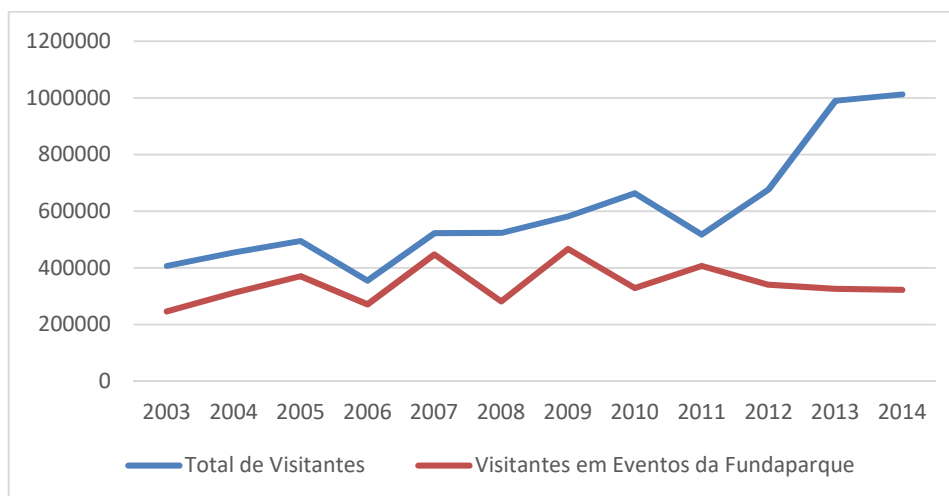
As atividades recreativas voltadas à cultura do vinho em Bento Gonçalves são diversas. Segundo a APROVALE (2018) as festas costumam ser eventos pitorescos tradicionais, como abertura da vindima (colheita de uvas), onde serve-se comidas típicas de origem italiana e promove-se atividades de recreação (como a tradicional “pisa das uvas”), e também grandes eventos internacionais, como a Feira Nacional do Vinho (FENAVINHO).

Para os turistas consumidores de vinhos, quase todas as vinícolas possuem roteiros de visitação, independentemente do porte. Nelas, os turistas podem conferir a vinificação em tempo real e visitar as caves de descanso e envelhecimento, além de poderem degustar os produtos e comprar nos varejos das vinícolas, sempre acompanhados de guias que, geralmente, são pessoas da família proprietária do negócio ou profissionais da área. Circuitos com visitas em plantações de uvas e colheitas (nos meses de safra), bem como refeições harmonizadas com vinho e minicursos de degustação costumam fazer parte do repertório de atividades das vinícolas, segundo a APROVALE (2018).

A gastronomia na região varia desde cardápios marcados pelo tradicionalismo italiano a pratos contemporâneos, de acordo com a APROVALE (2018).

Outro importante evento do universo da vitivinicultura, de caráter mais técnico e promocional, é a Avaliação Nacional do Vinho, que se trata de uma degustação com mais de 900 pessoas simultaneamente, fazendo dele um dos principais eventos do gênero no mundo. Promovida pela Associação Brasileira de Enologia – ABE, em 2019 o evento contou com sua 27ª edição, estando consolidado no calendário oficial de eventos da cidade.

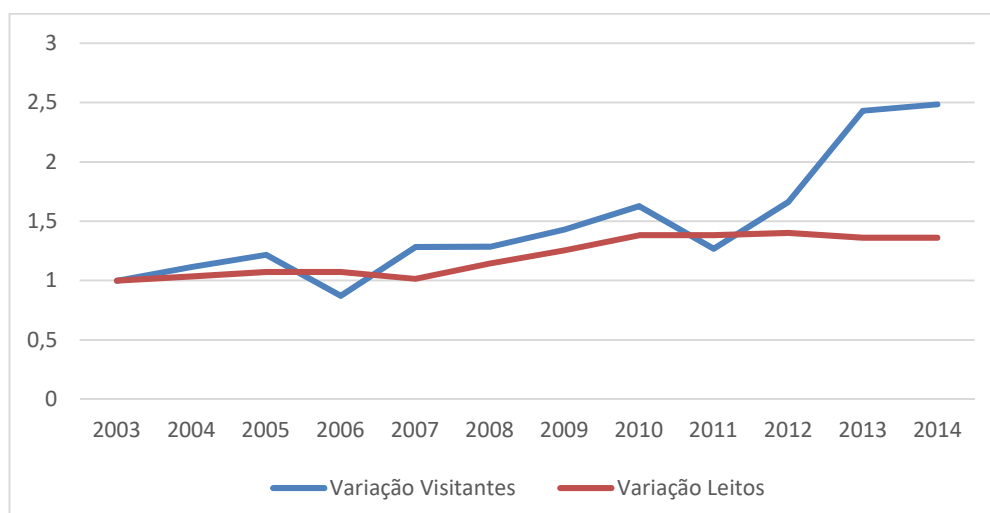
Merece destaque a quantidade de visitantes que o município recebeu até 2014. Trata-se de números bastante expressivo se considerarmos que o município possuía, à época, pouco mais de 110 mil habitantes e estar fora do eixo metropolitano de Porto Alegre. O Gráfico 1 mostra a evolução na quantidade de turistas em Bento Gonçalves, tanto o total quanto os que visitaram a cidade exclusivamente para participar de um dos eventos que ocorrem anualmente no Parque de Eventos.

Gráfico 1: Evolução na quantidade de visitantes 2003-2014

Fonte: Elaborado pelo Autor com dados da Secretaria Mun. de Turismo de Bento Gonçalves

Como se vê, apesar da redução relativa do número de turistas nos anos de 2006 e 2011, o crescimento foi vertiginoso. É importante ressaltar que a participação dos turistas que viajaram para participar de algum evento até 2007 era relativamente proporcional ao total, mas a partir de 2008 verifica-se que a quantidade dos turistas que viajaram a lazer aumentou consideravelmente. Ainda assim destaca-se que até mesmo os turistas que viajaram para participar de eventos contribuem para o enoturismo, haja vista que de alguma forma consomem algum produto ou serviço local que está relacionado a esse setor.

Uma análise da variação do número de visitantes no município comparada com a variação na oferta de leitos de hospedagem revela, também, que a quantidade de turistas tem aumentado mais de 150% com relação a oferta de leitos, evidenciando espaço para mais investimentos com geração de emprego e renda ou uma fragilidade do setor, haja vista que se não houver aumento na oferta de leitos pode haver uma valorização nos preços e uma indesejável queda da demanda pelo turismo local. É importante destacar que uma grande parte dos visitantes não se hospedam na rede hoteleira local, ora por que são residentes de cidades próximas, ora por que são turistas oriundos de Gramado, outro grande polo turístico da Serra Gaúcha. Por essa razão, optou-se por analisar a variação, e não os dados absolutos. O Gráfico 2 mostra essa relação.

Gráfico 2: Variação nº de visitantes x oferta de leitos

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Sec. Mun. do Turismo de Bento Gonçalves

É possível notar através das informações introduzidas que o setor de enoturismo parece desempenhar um papel de destaque na economia local. Quais fatores fizeram com que o enoturismo se tornasse, aparentemente, um setor importante no município? Seria esse setor orgânico, capaz de se autopromover e se manter importante?

São essas as questões que motivam a realização deste trabalho, pois compreender a dimensão de um setor que é mais expressivo do que os números podem dizer é fundamental para que se possa avaliar corretamente o seu impacto social, a sua importância para a comunidade local e, quem sabe, traçar estratégias de potencialização de seus bons resultados e prevenção dos possíveis riscos.

1.1.2 Panorama Histórico de Bento Gonçalves

A colonização do atual município de Bento Gonçalves se iniciou, segundo Falcade e Mandelli (1999), no ano de 1875 com a criação das Colônia Dona Isabel e Conde d'Eu, em homenagem à então herdeira do trono imperial brasileiro, Princesa Isabel de Bragança e seu marido, o príncipe francês Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Os colonos eram exclusivamente italianos, vindos em sua maioria da região norte da Itália.

Inicialmente praticamente isolada dos centros urbanos, a colônia começa a ser conectada através da construção da estrada ligando o povoado ao então município de São João do

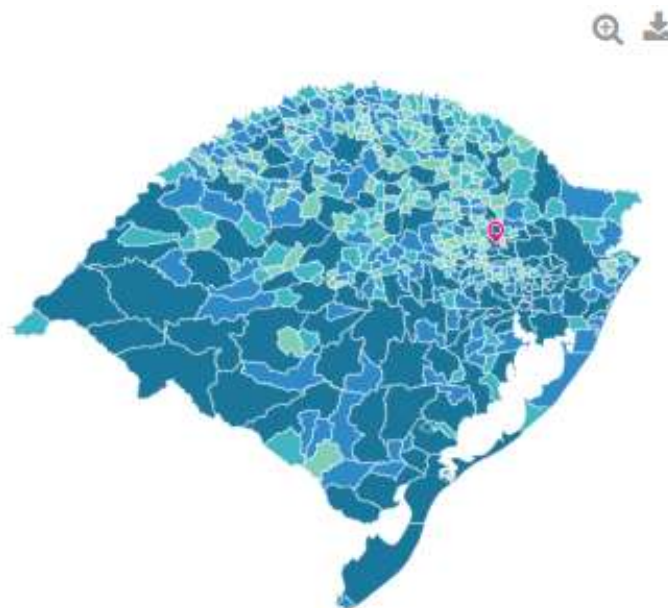
Montenegro, segundo De Paris (2019). Em 1890 a colônia seria promovida a município, recebendo o nome atual, Bento Gonçalves.

Economicamente o município começa a ganhar relevância com a instalação de uma agência bancária do então Banco de Pelotas e com a instalação da rede elétrica no ano de 1927, ano em que também seria inaugurado o seu primeiro hospital (Hospital Dr. Bartolomeu Tacchini), ainda em funcionamento. Em 1950 a atividade econômica já era razoavelmente diversificada entre agricultura e indústria, inclusive a vitivinícola, que ganharia projeção nacional com a Primeira Festa Nacional do Vinho (Fenavinho) em 1967 (DE PARIS, 2019).

1.1.3 Panorama Geográfico e Socioeconômico

O município de Bento Gonçalves situa-se na microrregião da Serra Gaúcha, no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, a uma distância de 109 km da capital do estado, Porto Alegre. Segundo a projeção do IBGE atualizada ano a ano, a população estimada para 2019 era de 120.454 pessoas, fazendo do município o 18º mais populoso do estado. A densidade demográfica no município em 2010 era de mais de 280 pessoas por km², sendo 74,5% dos domicílios situados na zona urbana (IBGE 2010).

Figura 1: Localização geográfica de Bento Gonçalves



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

A área territorial total em 2010 era de 273.955 km² (IBGE, 2010), e a sua altitude média com relação ao nível do mar está entre 600 e 650 metros. Seu clima predominante é subtropical úmido, com invernos frios e verões quentes (FALCADE; MANDELLI, 1999).

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil³ (edição 2013) e com o Atlas de Vulnerabilidade Social⁴, o município de Bento Gonçalves gozava, em 2010, de bons indicadores socioeconômicos quando comparados com o estado do Rio Grande do Sul e com o país. Na Tabela 1 consta a evolução de alguns dos principais deles. Para os dados em tela, apenas há disponibilidade para os anos de 1991, 2000 e 2010, ou seja, os três últimos períodos que houve o censo decenal do IBGE.

Tabela 1: Principais indicadores socioeconômicos de Bento Gonçalves

Indicadores	Ano	Bento Gonçalves	Rio Grande do Sul	Brasil
<i>IVS em 2010</i>		0,151	0,234	0,326
<i>IDH</i>	1991	0,612	0,542	0,493
	2000	0,712	0,664	0,612
	2010	0,778	0,746	0,727
<i>Renda per Capita mensal</i>	1991	668,58	507,61	447,56
	2000	918,21	708,12	592,46
	2010	1196,56	959,24	793,87
<i>% extrema pobreza</i>	1991	8,57	26,84	13,6
	2000	4,54	15,56	9,9
	2010	1,31	6,37	4,4
<i>Índice de Gini</i>	1991	0,49	0,59	0,64
	2000	0,47	0,58	0,65
	2010	0,44	0,54	0,61

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do IPEA, PNUD e FJP

Como pode-se notar, Bento Gonçalves possui uma posição vantajosa nos cinco índices apresentados com relação ao estado e à União. Apesar de no primeiro ano da série o município já gozar de melhores indicadores, a tendência de melhora foi mantida ou até mesmo ampliada nos censos seguintes.

³ O Atlas de Desenvolvimento Humano é um guia de consulta ao IDH-M municipal e de outros 200 indicadores socioeconômicos, elaborado pelo PNUD, IPEA e Fundação João Pinheiro.

⁴ O Atlas da Vulnerabilidade Social é uma iniciativa do IPEA, cujo objetivo é informar exclusivamente sobre vulnerabilidade e exclusão social nos municípios, estados e regiões metropolitanas.

⁴ O Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) é um indicador desenvolvido pelo IPEA e publicado pelo Atlas da Vulnerabilidade Social. Segundo o IPEA (n/d), ele é o resultado da média aritmética de três subíndices: IVS estrutura urbana, IVS capital humano e IVS renda e trabalho. 16 indicadores estão envolvidos nos cálculos dos três subíndices.

A atividade econômica do município de Bento Gonçalves é bienalmente mensurada detalhadamente pelo Centro da Indústria e Comércio de Bento Gonçalves (CIC) e publicada na Revista Panorama Socioeconômico. Da edição de 2018, tem-se os seguintes resultados referente ao comportamento dos setores econômicos: em dezembro de 2017, o município contava com 10.245 inscrições de Pessoas Jurídicas (PJs) e 5.262 Microempreendedores Individuais (MEIs). De acordo com o CIC (2018), de 2016 para 2017 houve um aumento de 24,6% no número de MEIs e uma redução de 1% na quantidade de PJs. Esse resultado revela que, mesmo diante de uma crise de níveis nacional e internacional, além de relativamente se manter o número de empresas em funcionamento, aumentou em cerca de $\frac{1}{4}$ o número de pessoas autônomas que buscavam renda na formalidade. Esse resultado parece corroborar com a hipótese de que a considerável variação negativa no saldo de empregos no período foi compensada com o aumento da atividade econômica individual. A Tabela 2 dá uma dimensão do comportamento da atividade segundo os setores da economia.

Tabela 2: Distribuição do total de inscrições municipais (PJs e MEIs) de 2015 a 2017

Categoria	2015	2016	2017	Varição Inscrições 2017-2016	Varição Faturamento 2017-2016
<i>Prestadores de Serviços</i>	7422	7327	8052	9,89%	27,7% ⁵
<i>Comércio</i>	2942	2828	2912	2,97%	5,5%
<i>Autônomos</i>	1490	1410	1377	-2,34%	-
<i>Indústria</i>	972	928	923	-0,54%	-0,4%
<i>Comércio + Prest. Serviços</i>	916	911	1039	14,05%	-
<i>Indústria + Prest. Serviços</i>	318	328	356	8,54%	-
<i>Outros</i>	868	841	848	0,83%	-
Total	14928	14573	15507	6,41%	-

Fonte: Centro da Ind. e Com. de Bento Gonçalves – CIC (apud Secretaria de Desenvolvimento Econômico)

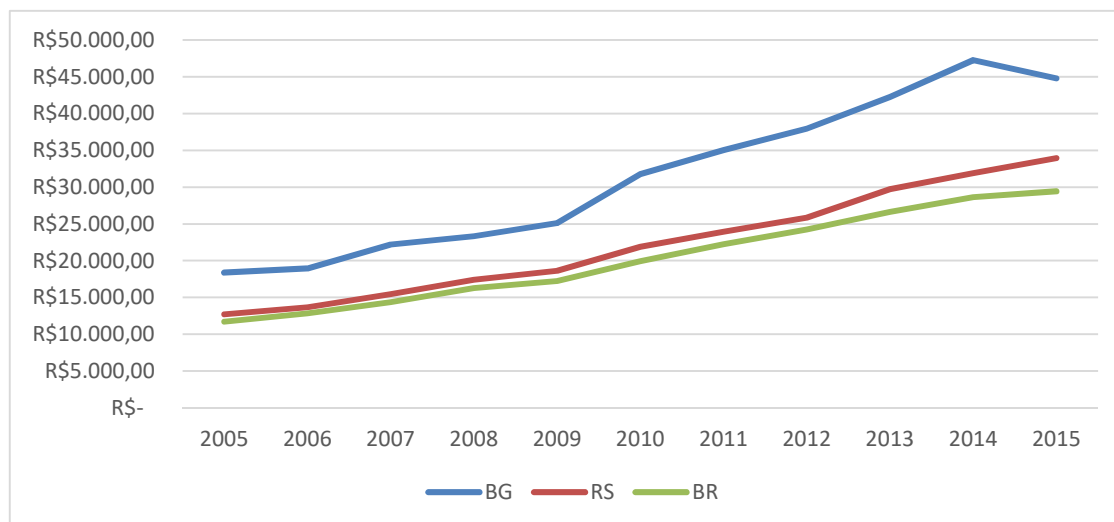
Ressaltando que se trata de um período de crise econômica em todo o país e até mesmo internacional, além do fato de que o estado do Rio Grande do Sul atravessa há décadas uma crise fiscal, merece destaque o crescimento das atividades no setor de serviços (onde o turismo se enquadra) tanto em número de inscrições quanto em faturamento bruto.

O PIB per capita do município é consideravelmente superior ao do próprio estado e ao da União. A série mostrada no Gráfico 3, feita com dados do IBGE e da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (2017) no período de 2005 a 2015, revela que, em 2015,

⁵ A categoria é a soma de três esferas de arrecadação, segundo o CIC/BG: 9,4% de base estadual + municipal; 8,4% apenas de base estadual e 9,9% de base municipal.

mesmo sentindo os efeitos da crise econômica, o município mantinha uma renda per capita 52% maior que a renda do brasileiro médio.

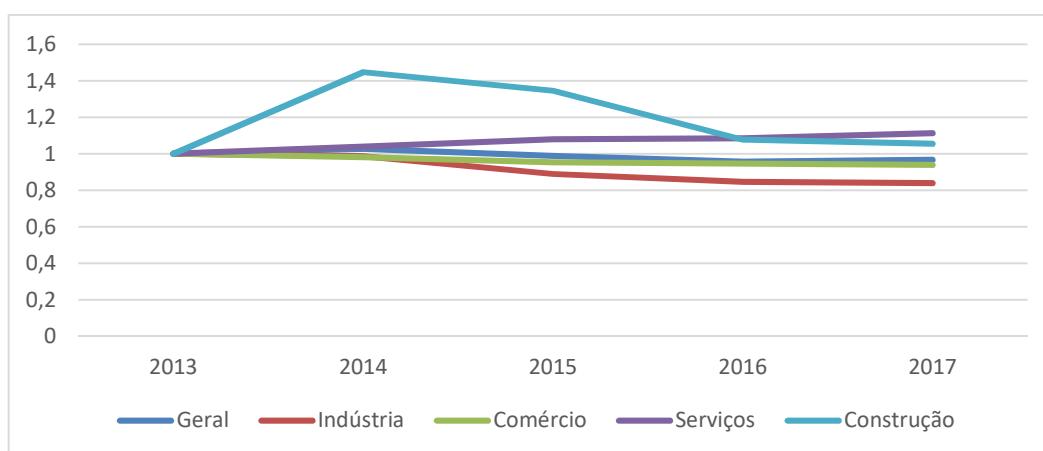
Gráfico 3: PIB per capita de Bento Gonçalves x RS e BR



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do IBGE e da Fundação de Economia e Estatísticas do RS

Com relação ao comportamento da economia especificamente no município, cabe destacar o seu mercado de trabalho. Estudos do CIC/BG (2018), com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), revelam que entre 2013 e 2017 houve um aumento seguido de redução no número de vagas em todos os setores da economia, exceto no setor de serviços, que não houve redução, como mostra o Gráfico 4.

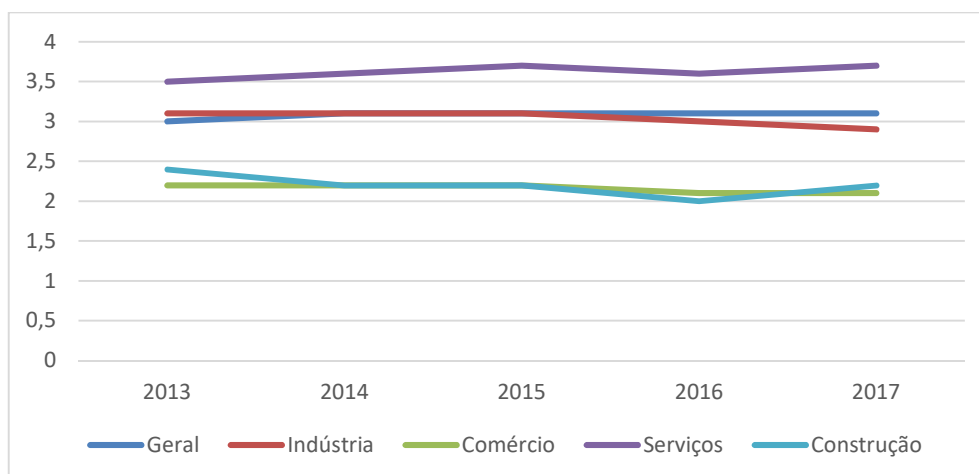
Gráfico 4: Variação do número de vagas ocupadas nos setores entre 2013 e 2017



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do CAGED (MTE) – Disp. CIC/Bento Gonçalves

Como se vê, mediante uma conjuntura nacional desfavorável, todos os setores da economia perderam postos de trabalho, exceto o setor de serviços que manteve trajetória ascendente com crescimento médio de 8% na quantidade de vagas oferecidas em todo o período, revelando o potencial deste setor na preservação do emprego. O Gráfico 5 revela a variação na renda de cada setor em salários mínimos vigentes em cada período.

Gráfico 5: Número de salários mínimos pagos em cada setor entre 2013 e 2017



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do CAGED (MTE) – Disp. CIC/Bento Gonçalves

O Gráfico 5 revela que, além de o setor de serviços já pagar em 2013 os melhores salários (3,5 salários mínimos), também foi o único setor que manteve uma trajetória de crescimento ascendente, ainda que em períodos de pressão para baixo dos salários gerais da economia. Essa informação revela que o setor possui uma grande capacidade de preservação e aumento da renda no município.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem por objetivo investigar quais possíveis elementos foram determinantes para o surgimento e consolidação do enoturismo em Bento Gonçalves e como esse setor pode estar associado a um desenvolvimento regional orgânico.

1.2.2 Objetivos Específicos

i) abordar à luz da teoria econômica o desenvolvimento regional; as formas de cooperação econômica para o desenvolvimento e o papel do turismo como promotor de desenvolvimento local;

ii) fazer uma revisão literária sobre quais aspectos foram fundamentais para a consolidação do enoturismo em Bento Gonçalves; e

iii) verificar se o enoturismo constitui um setor orgânico na economia local, com mecanismos próprios de geração e difusão de renda e com capacidade de autopromoção.

1.2 JUSTIFICATIVA

Em um país historicamente agroexportador, se debruçar sobre os fenômenos do desenvolvimento regional se torna ainda mais necessário, pois existe o desafio constante de promover uma alternativa de desenvolvimento que não seja em função dos eventuais *boons* de commodities que uma economia nesse padrão pode se deparar.

O turismo possui a característica, pelo seu dinamismo, de promover uma melhor distribuição de renda. Segundo Takasago e Mollo (2008), o investimento privado no turismo, somados a participação do Estado na promoção de capacitação e profissionalização dos trabalhadores do setor, cria um dinamismo em cadeia de geração de emprego e melhora a distribuição de renda, podendo projetar esse dinamismo por longo prazo.

O enoturismo se enquadra nessa dinâmica, pois toda a atividade recreativa ligada a ele ocorre em função da viticultura, que, por sua vez, está intimamente ligada ao ambiente por fatores geográficos. Somam-se a essa rede fatores culturais e humanos, como ciência e tecnologia.

A atividade de enoturismo é algo recente não apenas no Brasil, mas até mesmo na região das mais antigas culturas de vinho no mundo: a Europa. Em todos esses lugares, tem-se despertado interesse nessa forma peculiar de turismo, pela vasta atividade cultural nele envolvida.

O tema proposto ainda é pouco explorado na academia e, embora já tenham sido publicados trabalhos importantes sobre ele, ainda há muito que se explorar, sobretudo no aspecto socioeconômico.

Sendo assim, estudar o setor com o objetivo de conhecer o seu dinamismo pode ser útil para os formuladores de políticas públicas, quer orientando-os nas melhores decisões que podem potencializar os efeitos positivos das transformações ocorridas, quer servindo como parâmetro para desenvolvimento de outras regiões de atividades com igual potencial.

Dessa forma, o presente trabalho não apenas é justificável sob o ponto de vista de agregação acadêmica, mas relevante no sentido de ser uma iniciativa que pode ser ainda mais explorada com objetivo de auxiliar na promoção do desenvolvimento econômico regional e na melhoria da distribuição de renda e qualidade de vida das pessoas.

1.3 METODOLOGIA

Lakatos e Marconi (2007, p.80-81) definem ciência como “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”, com finalidade, função, objeto material e objeto formal. A respeito da classificação dentro da ciência, Lakatos e Marconi (2007) destacam que a necessidade do homem de estudar a complexidade dos fenômenos levou ao surgimento de diversos ramos, que se agrupam segundo o objeto de estudo, métodos particulares ou temas específicos. De acordo com esse conceito, as Ciências Econômicas se enquadram como ciência factual social.

Com relação à subordinação do espírito científico ao método, Lakatos e Marconi (2007, p. 81) afirmam que “não há ciência sem o emprego de método científico”, muito embora ele (o método) não seja de uso exclusivo da ciência.

Gil (2008, p.27) define método científico como sendo “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir o conhecimento” e pesquisa social como sendo “o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2008, p.45.).

Ainda segundo Gil (2008), a pesquisa social pode ser dividida entre pesquisa pura, quando o objetivo é o conhecimento geral com vistas à formação de leis e teorias, sem a necessidade de aplicabilidade no mundo real. Também pode ser uma pesquisa aplicada quando,

ainda que se beneficia das generalizações levantadas pela pesquisa pura, tem por finalidade a aplicação do conhecimento em alguma situação do mundo real.

Este trabalho de pesquisa se enquadra no conceito de pesquisa aplicada por se debruçar sobre a observação dos fenômenos sociais ocorridos a partir da introdução de um arranjo produtivo em determinada sociedade, utilizando-se de teorias sociais presentes na literatura. O procedimento será o estudo de caso (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Com relação ao nível de pesquisa, o presente trabalho se enquadra como pesquisa descritiva, já que se debruça sobre a “descrição das características de determinada população ou fenômeno e o estabelecimento entre relações e variáveis”. É também “explicativa”, pois pretende “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 1999, p. 46-47).

As técnicas compreenderão pesquisa documental em fontes secundárias, utilizando fontes como arquivos públicos, particulares e estatísticas. As fontes bibliográficas serão imprensa escrita, meios audiovisuais, materiais cartográficos e publicações de teor acadêmico (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 174-182).

A análise será qualitativa, pois se fará sobre dados históricos, estatísticos e socioeconômicos que estão dispersos, mas que, segundo Bêni (1998), se agrupados poderão representar algum padrão significativo, e poderão testar a validade de um modelo. “Havendo conexão com este, poderá se inferir recomendações de políticas públicas” (BÊNI, 1998, p. 38).

O escopo da análise será o município de Bento Gonçalves (LAKATOS; MARCONI, 2007). Embora o fenômeno que se pretende investigar tenha um caráter regional, a análise focada no referido município, que não por acaso é o principal representante da indústria do enoturismo, se dará pelo fato de os indicadores sociais que servirão de base para a análise serem municipalizados.

Especificamente para o capítulo 4 será utilizada a técnica de Análise SWOT para verificar a solidez do setor enoturístico em Bento Gonçalves. Segundo Feil e Heinrichs (2012), a técnica de Análise SWOT é uma ferramenta de gestão, voltada para a identificação do grau de competitividade de uma empresa. A sigla significa *strengths* (força), *weaknesses* (fraqueza), *opportunities* (oportunidades) e *threats* (ameaças), sendo as duas primeiras variáveis relativas ao ambiente interno e as duas últimas ao ambiente externo. A interação do ambiente interno com o externo traz uma noção do nível de competitividade da empresa no mercado onde atua. A fim de verificar a competitividade do setor de enoturismo, a análise será expandida para toda a sua cadeia.

A contextualização da indústria do enoturismo no mundo e no Brasil, dados de caráter econômico e social, bem como geográficos e históricos do Município de Bento Gonçalves foram abordados no capítulo introdutório deste trabalho. No capítulo de referencial teórico, serão trazidos os conceitos mais fundamentais de desenvolvimento econômico, desenvolvimento regional, arranjos produtivos, papel do turismo na promoção de desenvolvimento e as particularidades do enoturismo. No capítulo 3 será realizada uma investigação sobre os fatores que foram determinantes para o surgimento e consolidação do enoturismo em Bento Gonçalves. No capítulo 4, será verificado se o setor é capaz de se auto promover, ou seja, se existe independentemente dos demais setores da economia local e se se projeta no longo prazo. Por fim, no capítulo 5 serão feitas as considerações finais.

Os problemas de pesquisa incluem falta de dados de produção e socioeconômicos parametrizados a fim de rodar algum modelo econométrico, além de uma limitada literatura sobre o setor com viés econômico, embora trabalhos técnicos sejam relativamente abundantes, considerando o tamanho do setor frente aos setores tradicionais da economia brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, será realizada uma revisão bibliográfica acerca dos três importantes temas que subsidiam teoricamente este trabalho: i) o desenvolvimento econômico sob a ótica do espaço rural, a fim de tentar compreender quais fenômenos podem contribuir para a inserção das comunidades distantes dos grandes centros industriais na economia; ii) as estruturas organizacionais dos setores econômicos, para tentar identificar em qual unidade o turismo melhor pode ser explicado e, iii) o agroturismo como um setor dinâmico capaz de promover o desenvolvimento socioeconômico de um espaço rural ou de qualquer outra região desconectada da economia global. O objetivo é estabelecer uma conexão entre os conceitos para tentar, ao fim, compreender a atividade de enoturismo em Bento Gonçalves.

2.1 O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO ESPAÇO RURAL

Segundo Bresser-Pereira (2006), o desenvolvimento econômico é um fenômeno que ocorre em países que passaram pela revolução capitalista, e trata-se de um processo de sistemática acumulação de capital, progresso técnico constante com aumento da produtividade do trabalho e o conseqüente aumento da renda e dos padrões de consumo e de qualidade de vida de seus habitantes, incluindo aumento da expectativa de vida, escolaridade, etc. Bresser-Pereira (2006, p. 3) ainda destaca que:

Uma vez iniciado, o desenvolvimento econômico tende a ser relativamente automático ou autossustentado na medida em que no sistema capitalista os mecanismos de mercado envolvem incentivos para o continuado aumento do estoque de capital e de conhecimentos técnicos.

Schneider (2004), ao abordar o conceito de desenvolvimento no espaço rural, primeiro chama a atenção para os fenômenos de transformação no capitalismo desde a década de 70, sobretudo com relação à mudança no paradigma de produção industrial na transição fordismo-taylorismo, e também com relação à descentralização e interdependência que o capitalismo promove, não apenas entre os setores econômicos, mas também entre estados-nações, proporcionando uma mudança no comportamento social, econômico e político da maioria dos países. Schneider (2004) introduz na análise da economia rural, então, um conceito já outrora utilizado por alguns sociólogos, como Mardsden (1993), para se referir ao processo industrial: o de “reestruturação”.

No meio rural, ainda segundo Schneider (2004), a reestruturação abarca as transformações e também modifica alguns paradigmas. O processo se inicia com a abertura comercial, que insere o ambiente local numa megaestrutura global de trocas; depois, por causa do aumento do progresso técnico aplicado ao campo, inerente ao processo de abertura, têm-se uma inquietação com relação aos modos de produção tradicionais; terceiro, há uma maior integração espacial e setorial nas atividades agrícolas, fazendo com que, inclusive, famílias não precisem deixar o campo para ter renda, e, por fim, há uma mudança institucional no papel do Estado com relação ao campo, tornando-o mais inclusivo. Nessa reestruturação, o ambientalismo e a sustentabilidade ecológica deixam de ser um tema secundário e passa a ser uma estratégia de promoção de uma política bem pautada, inclusive globalmente discutida.

Para Ploeg et al. (2000, p.395), “o desenvolvimento rural seria uma tentativa de reconstrução das bases econômicas, sociais e ambientais, e das próprias unidades familiares em face das limitações e lacunas intrínsecas do paradigma produtivista”.

Ellis (2001; 2000; 1998), entende desenvolvimento rural como uma resposta das famílias camponesas às transformações no capitalismo do final do século XX, que privilegiam estratégias de sobrevivência e diversificação dos modos de vida rurais, mostrando que os elementos para se alcançar desenvolvimento estão na própria comunidade em que vivem. Sobre essa definição, acrescenta Schneider (2004, p. 8), que “a diversificação representa, sobretudo, uma situação em que a reprodução social econômica e cultural é garantida mediante a combinação de um repertório variado de ações, iniciativas e escolhas, ou, estratégias”.

Segundo Wanderley (2000), nos modernos espaços rurais, já não mais desligados dos centros urbanos e industriais, o aprimoramento e a introdução de uma nova dinâmica, além de aproximar o campo da cidade sob a ótica social, também o faz sob a ótica econômica, pois cada vez mais a introdução de tecnologias no campo causa uma interdependência com os centros urbanos. Assim, segundo Wanderley (2000), há uma nova forma de se encarar o espaço rural, onde a tradição, o patrimônio histórico e cultura, a identidade regional e as tradições se traduzem em potencialidades para um desenvolvimento de longo prazo.

Dentro dessa abordagem teórica, Ablas (1991), introduz a ideia de que o desenvolvimento regional é toda a relação social e econômica que ocorre em um espaço delimitado em uma relação social particular. O enfoque da abordagem teórica do desenvolvimento regional, segundo Ablas (1991) parte do pressuposto de que uma determinada região pode eventualmente usufruir de forças que permitem a implantação de um processo de desenvolvimento em seu interior, como clima, qualidade do solo ou qualquer outra vantagem comparativa capaz de lhe conferir um saldo comercial (exportação – importação, não

necessariamente entre países), capaz de promover um multiplicador na economia local, gerando desenvolvimento e distribuição de renda através do surgimento de bens e produtos finais e intermediários inerentes a atividade econômica local.

Para expandir o conceito de desenvolvimento regional com distribuição de renda, Ablas (1991) reforça, ainda, que são dois os diferentes ciclos que fomentam a economia local: o primeiro se refere as trocas intersetoriais, praticadas entre empresas com vistas a produção do bem ou do serviço final destinados à exportação. Esse circuito remunera os fatores de produção, incluindo a mão-de-obra, e acaba gerando um segundo ciclo, o regional, que nada mais é do que a atividade fomentada para manter a economia local.

Os ciclos puramente econômicos, como os abordados, dão uma dimensão imediata de como a renda flui em uma determinada sociedade ou dela para outras, e essa relação pode ser perfeitamente mensurada uma vez que as transações se dão em uma relação quase que exclusivamente monetária. Há, porém, certas relações envolvidas em quase todas as atividades econômicas que não objetiva, necessariamente ou imediatamente, a troca puramente econômica. É o caso de instituições, governamentais ou não, envolvidas em atividades que suportam uma função econômica, como as escolas, universidades, organizações de fomento e promoção, etc. A relação desses atores em uma determinada atividade pode ser melhor compreendida sob a abordagem dos aglomerados econômicos, que serão explorados no próximo item.

2.2 OS APLs E SUA CONCEITUAÇÃO PARA ATIVIDADES CULTURAIS

Os aglomerados industriais são organizações de empresas que atuam em várias etapas de uma cadeia de um determinado setor econômico, e que buscam proximidade locacional a fim de usufruir de certas vantagens competitivas e redução de custos. O conceito não é bem definido na literatura, tendo sido revisto diversas vezes em detrimento das transformações ocorridas na economia ao longo das últimas décadas. São conhecidos, porém, alguns, como os *clusteres*, o complexo industrial, o Arranjo Produtivo Local (APL), O *milieu* inovativo e os Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (ASPILs).

Embora esse tema tenha ganhado relevância apenas nas últimas décadas, Marshall foi quem fez, em 1920, as primeiras observações sobre esse fenômeno, que seria o paradigma industrial da economia moderna. Ele observou que a aglomeração geográfica de um número limitado de indústrias (ou até mesmo a existência de uma única unidade) pode fazer com que

haja uma maior atratividade para negócios relacionados a atividade dessas (ou dessa) indústrias, o que leva ao surgimento de atividades especializadas e complementares.

Dessas observações, Marshall (1920) introduziu o conceito de *clusteres* industriais (ou aglomerados industriais), bastante adequado a realidade econômica do seu tempo. Porter (2002) complementa o conceito afirmando que as empresas geograficamente se posicionam e se inter-relacionam, seja entre si com algum grau de cooperação, seja com outros atores ou instituições, vinculadas por elementos comuns ou complementares.

Santos et al. (2004) citam como exemplo de *cluster* os centros industriais, característicos de grandes metrópoles, onde as empresas, por sua expressividade, contribuem para o agregado econômico local, ainda que agindo individualmente e sem sinergia. Essa forma de aglomeração, que atendia a uma agenda política específica com base nas teorias desenvolvimentistas, foi a principal resposta brasileira ao problema da industrialização ao longo do século XX.

Santos et al. (2004) citam ainda outras formas de aglomeração: o complexo, quando as empresas se inserem na realidade das cadeias produtivas, em que pode haver uma série de empresas que produzem especificamente um item da cadeia, e o Arranjo Produtivo Local, foco da construção desse referencial teórico.

Arranjos Produtivos Locais (APL), são, segundo Santos et al. (2004), uma inspiração italiana para distritos industriais que possuem como característica principal a cooperação entre as empresas, geralmente pequenas e médias, e outras instituições, como o governo e a universidade, que se aglutinam em determinada região e contribuem em conjunto para alguns elos da cadeia produtiva de um setor particular, gozando de vantagens competitivas locais.

Esse tipo de aglomeração, segundo Santos et al. (2004), diferentemente do que ocorre com os citados complexos e centros industriais no que tange a participação do Estado em sua criação/difusão, possui também a característica de ser o capital privado seu maior fomentador, embora políticas industriais voltadas ao setor sejam recorrentes.

Realçando as características específicas dos APLs, Cário et al. (2005) afirmam que o que diferencia os diversos tipos de APLs são as formas de governança presentes em cada um deles de acordo com a complexidade no interior de suas cadeias, dada pelo grau de divisão de trabalho presente. A forma como o conhecimento circula na estrutura também é, segundo Cário et al. (2005), fator imprescindível para caracterizar um APL. Quando há uma estrutura organizada de fluidez do conhecimento, possibilita a potencialização das condições para a inovação e a cooperação tecnológica.

As configurações localizadas com esses aspectos criam competências e externalidades positivas que, ao introduzirem a inovação, tornam-se dinâmicas, gerando um perfil diferenciado

da abordagem que as analisa de forma estática. Campos et al. (2002) destacam a importância do local à inovação por intermédio das particularidades que se formam no seu interior, criando condições para o desenvolvimento de capacitações produzidas em seu próprio *locus* interativo.

Uma abordagem que parece complementar a ideia dos APLs é a de Mailat (1991), que agrega ao conceito de Arranjos Produtivos Locais a ideia de um *milieu* inovativo, que é composto de três elementos: o material (firmas, infraestrutura), o imaterial (conhecimento, cooperação) e o institucional (normas, leis, regras, cultura, etc.). Esse arranjo se destaca pelo claro enfoque dado à cooperação como forma de alcançar uma vantagem inovativa, sendo consequência do interesse de firmas, clientes, governos e sociedade.

Assim, pode-se dizer que até mesmo as estratégias de cooperação e o comportamento dos agentes econômicos parecem ter seguido o mesmo fim que se propõe um Arranjo Produtivo Local: o de inovação. Desde os ensaios iniciais de Marshall, em 1920, novas formas de cooperação e de compartilhamento de conhecimento têm surgido, em consonância com uma economia muito mais dinâmica, competitiva e produtiva, daí essa variedade e evolução na morfologia dos conceitos para o universo de aglomerados industriais.

No entanto, o que se verifica com o setor da uva e do vinho na Serra Gaúcha (especificamente com o enoturismo) não pode ser enquadrado plenamente no conceito de APL, pois existem condições locacionais imprescindíveis ao setor que não são analisados dentro da conceituação do referido aglomerado, como fatores climáticos e culturais. Por isso, é adequado introduzir o conceito de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (ASPILs) em complementaridade.

Para Cassiolato e Lastres (2008, p. 31), os ASPILs “representam fundamentalmente um quadro de referências, a partir do qual se busca compreender os processos de geração, difusão e uso de conhecimento e da dinâmica produtiva e inovativa”. Dessa forma, a produção e a inovação são resultados da interação sistêmica dos diversos atores, desde produtores a consumidores, governos, empresas, distribuidores, sindicatos, escola, etc.

Para diferenciar um sistema onde a atividade principal é a promoção de cultura, na qual o turismo se insere, Cassiolato e Lastres (2008) abordam o esforço das indústrias ligadas à sua promoção à luz do conceito de ASPILs, pois não cabem mais os conceitos abrangentes de APL, frequentemente ligados à manufatura, muitas vezes analisando o comportamento em cadeia de uma única empresa ou indústria. Falar em ASPILs parece ser mais apropriado, pois “este conceito privilegia a produção baseada na criatividade humana em vez das trocas comerciais e da acumulação de equipamentos e de outros recursos materiais (CASSIOLATO; LASTRES 2008, p. 31). Além do mais, pelas características do setor envolvido, é mais adequado, segundo

Cassiolato e Lastres (2008) analisar o comportamento e a interação de todos os atores envolvidos no arranjo, que atuam de forma coordenada, mas descentralizada, não se limitando apenas ao seu núcleo produtivo, mas a toda a extensão do impacto local da atividade em questão, seja social, seja política.

Dentro dessa diferenciação, Valduga (2007) também introduz o conceito de “redes”, que se resume a uma cooperação entre empresas de um mesmo setor, ainda que concorrentes, na busca pela socialização de altos custos (como os de pesquisa, extremamente caros a um único agente), compartilhamento de *know-how* e uma estratégia de marketing comum, mas também na tentativa de criar uma instituição capaz de dialogar com o governo em prol de melhorias para o setor.

Nesse sentido, segundo Valduga (2007) nascem os “arranjos endógenos”, que são as estratégias adotadas por um setor inerentes à sua atividade e imprescindíveis à sua sobrevivência, das quais se beneficiarão todas as empresas, ligadas ou não a rede. Essa interação é não apenas necessária ao setor do enoturismo como natural, quando se considera que o turista não busca em seu destino visitar apenas uma vinícola ou vinhedo, e sim um conjunto delas, além de desfrutar de outros serviços direta ou indiretamente ligados à atividade.

Os arranjos produtivos em regiões de turismo enológico são fortalecidos e consolidados com as chamadas “certificações geográficas”, como as Indicações de Procedência (IP), as Indicações Geográficas (IG) e as Denominações de Origem Controlada (DOC). Essas certificações, de acordo com Valduga (2007) são uma marca que diferencia uma região de outra na elaboração de algum produto (são também utilizadas para além do vinho), e trata-se de um conjunto de técnicas, marketing, linguagem, instituições, etc., definidas por lei específica em cada local onde a certificação é aplicada. Além disso, para Valduga (2007), a certificação força os agentes envolvidos a buscarem o fortalecimento da marca regional, do qual se beneficiarão todos. Assim:

“[...] os APLs possuem a potencialidade de criar uma marca regional, que a diferencia do restante do mercado. Com isso, podem incrementar, de forma positiva, a competitividade de todos que fazem parte da rede”. (VALDUGA, 2007, p. 58)

Uma vez contemplados com o selo, cada produtor estabelecido na região que desejar o estampar em seu rótulo se submete à uma série de controles rigorosos de qualidade, e se compromete a buscar constantemente a perfeição. Agindo cada qual individualmente, mas com o mesmo objetivo, a estratégia beneficia o coletivismo, e o retorno é assegurado.

2.3 O POTENCIAL DO TURISMO NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Para De La Torre (1992), o turismo pode ser visto como um fenômeno social de deslocamento temporário de pessoas ou grupos com propósitos recreativos, de lazer e cultura, que geram inúmeras inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Barreto (2003) complementa que o turismo é uma atividade de livre iniciativa, de caráter não lucrativo ou laboral. Essa ideia é interessante para fazer diferença entre turismo de lazer e turismo de negócios, muito comum em grandes centros urbanos. Complementa ainda De La Torre (1992) que o turismo, já entendido como prática social, pressupõe a existência de um sistema turístico, que é uma série ordenada de serviços em função da prática social. O estudo dessas relações recebe o nome de turismologia.

Segundo uma definição do Ministério da Cultura (2006) em conjunto com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o turismo cultural é aquele que: "[...] compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura". (BRASIL, 2006, p.10).

Segundo Rabahy (2003), a prática de turismo está condicionada a uma realidade social e de disponibilidade de renda, de tempo para o lazer e de fatores que, como o transporte e dependendo da sua disponibilidade, pode aumentar ou diminuir o tempo de lazer.

Rabahy (2003) também elenca os norte-americanos, alemães, japoneses, ingleses, franceses e italianos como os principais consumidores de turismo no mundo, sendo esse grupo responsável, em 2003, por 45% de todo o valor gasto nos destinos. Essa informação corrobora com a hipótese de que o turismo de lazer está condicionado à situação socioeconômica do viajante, pois as nacionalidades listadas estão entre as maiores rendas per capita do mundo. Rabahy (2003) também destaca que fatores culturais, demográficos, geográficos, expectativa de vida e escolaridade também influenciam na decisão de viagem.

Takasago e Mollo (2010), analisaram os impactos econômicos do setor de turismo a partir da ótica da matriz insumo-produto de Leontief (1951), com o objetivo de visualizar as articulações entre turismo e economia e identificar os impactos do turismo como demandante e ofertante de insumos para a economia brasileira, além de avaliar os efeitos do crescimento do setor na criação de emprego e renda. A matriz adaptada de Takasago e Mollo (2010), utiliza como entradas os vinte serviços que o IBGE classifica como sendo pertencentes ao setor de turismo; agrupados, se resumem substancialmente a transporte (maior participação), alojamento

e alimentação. Os setores puramente de turismo e lazer, ou seja, as atividades fins do turismo ou o seu objetivo, representam 2,3% dos serviços escalados pelo IBGE, demonstrando que a maior renda do setor de turismo é adicionada, e que o setor possui uma grande capacidade de encadeamento.

Ainda segundo Takasago e Mollo (2010), a dinâmica de encadeamento do setor de turismo, especificamente no Brasil, pode ser melhor analisada segundo os indicadores para trás (considerando os insumos que o setor consome de outros setores) e para frente (quando os serviços de turismo é o insumo a consumir). Os estudos revelaram, que o setor possui maiores ligações para trás do que para frente, demonstrando a grande capacidade do setor no fomento de outras atividades.

Por fim, Takasago e Mollo (2010) analisaram o potencial gerador de emprego e renda do setor de turismo, e concluíram que os empregados do setor recebem uma remuneração superior ao do setor extrativista e comparado ao setor da construção civil, “reconhecida como portadora de bom potencial de emprego” (TAKASAGO; MOLLO, 2010, p. 15). A chave desse crescimento são os serviços de transporte e alimentação, que precisam expandir sua atividade quando o turismo está em expansão. Quanto ao potencial de geração de empregos, Takasago e Mollo (2010, p. 20) destacam que, dentre as atividades listadas pelo IBGE, os serviços de recreação e lazer, alojamento e alimentação são superiores a todos os outros na geração de empregos diretos e indiretos, formais ou não. “Isso confirma a importância do setor para empregar pessoas”.

Posicionando a atividade de turismo dentro do conceito de desenvolvimento regional, já explorado anteriormente, é preciso resgatar o que concluiu Ablas (1991) no que se refere as vantagens comparativas que uma região possui sobre as outras e expandir esse pressuposto na ótica do fomento a atividade do turismo como forma de desenvolver alguma região eventualmente atrasada. Segundo Ablas (1991), as possibilidades de se promover uma política voltada ao desenvolvimento de alguma região são consideráveis se se partir do princípio de que em qualquer lugar há singularidade, como características da natureza, da história, da cultura, da arte popular, etc. O desafio está em implantar uma estratégia bem fundamentada de aproveitamento das potencialidades já existentes. Ablas (1991) dramatiza, inclusive, para enfatizar a importância de um bom planejamento, que a cidade americana de Las Vegas, no estado de Nevada, foi idealizada em um deserto, onde não havia beleza natural e tampouco sociedade, mas que, ainda assim, representa um claro exemplo de uma proposta de desenvolvimento planejada.

Sobre os efeitos dessa estratégia, complementa Ablas (1991, pg. 50):

Uma vez descoberta, implantada ou desenvolvida, a atração turística, funcionando com atividade motora, irá projetar sobre a região uma série de efeitos que terão por base a complementariedade com as atividades locais, constituindo-se essas últimas no meio de difusão [...]. Esse meio será formado, basicamente, pelas relações de compra e venda entre os agentes presentes na região e no retorno da distribuição de renda sobre as estruturas de consumo.

Quando se fala em enoturismo, porém, a análise ganha novos fatores, pois ao mesmo tempo em que se observa todos os fenômenos do setor de turismo expandido, no enoturismo há ainda que se considerar que a própria atividade depende da interrelação dos setores agrícola, industrial e de serviços, ou seja, o enoturismo expande a sua matriz insumo-produto para além dos setores tradicionais do turismo. Os fluxos ocorrem, portanto, desde o nível intersetorial (se considerar que enoturismo demanda vinho, que demanda uvas, que demanda garrafas, etc.) e regional, já que os salários pagos aos trabalhadores ligados aos setores envolvidos são empregados em parte na economia local.

Se, segundo Takasago e Mollo (2010), o setor de turismo tradicional movimentava substancialmente os serviços de transporte, alimentação e alojamento, o enoturismo, além destes, também movimentava a grande cadeia de produção vitivinícola, incluindo aqui a complexa indústria de agro insumos, a produção de uva das próprias vinícolas e das milhares de famílias de pequenos produtores associados, a complexa indústria da elaboração de vinho e as atividades de pesquisa em melhoramento genético, indispensáveis ao *terroir* brasileiro.

3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O SUCESSO DO ENOTURISMO EM BENTO GONÇALVES/RS

Esse capítulo será dedicado a uma investigação sobre os principais elementos que fizeram com que o município de Bento Gonçalves ganhasse destaque nacional na produção de uvas e vinho e se tornasse um polo de enoturismo pioneiro. Constituem como fatores importantes o histórico de eventos que se deram ao longo do tempo desde a formação do primeiro povoado no atual município; as características geográficas e climáticas; as particularidades culturais da sua gente e o ambiente institucional local, fruto de uma consistente interação entre interesses privados e públicos. Acredita-se que esses quatro fatores são determinantes de um case promissor, que ainda não mostrou todo o seu potencial, mas já pode servir como modelo para outros projetos em outras regiões.

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Segundo a Associação do Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE, 2017), foi a religiosidade que uniu os primeiros colonos italianos no agora denominado Vale dos Vinhedos quando decidiram levantar a primeira capela da região, em 1880. Uma estória popular bastante propagada por gerações e transcrita pela APROVALE (2017), diz que em um período de intensa seca, a água da argamassa utilizada para levantar uma segunda capela anos mais tarde (Igreja Nossa Senhora das Neves) foi substituída por vinho estocado de safras anteriores, mostrando que o cultivo de uvas e a sua vinificação já era comum entre os primeiros habitantes da região. Em 1990 o distrito foi oficializado através de lei municipal.

As primeiras mudas de uvas, continua a APROVALE (2017), foram obtidas pelos colonos italianos através dos residentes colonos alemães, pois as mudas de espécies viníferas europeias haviam perecido por incompatibilidade climática. Foram, portanto, as castas de origem americana⁶, mais adaptáveis ao solo e ao clima subtropical, que ocuparam por quase um século as áreas cultivadas em toda a Serra Gaúcha. Essa dificuldade climática não impediu, porém, que produtores de Caxias do Sul começassem “a importar variedades viníferas

⁶ Variedades americanas tem origem entre o México e Estados Unidos; embora também sejam utilizadas para fermentação e produção de vinhos, possui características diversas das variedades mediterrâneas, que mais propícias a essa cultura.

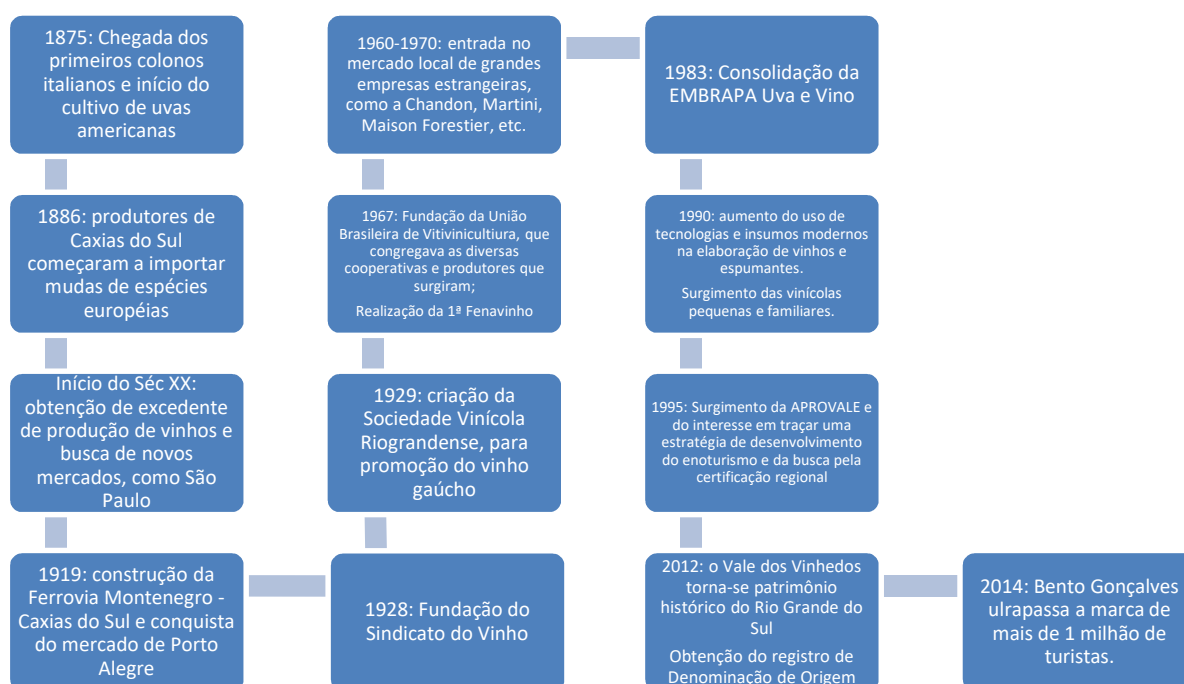
européias, iniciando o movimento no sentido de dotar a vitivinicultura da época de melhores castas” (APROVALE, 2017, pg. 6).

A produção, que inicialmente era consumida apenas entre os habitantes locais, começou a ganhar projeção nacional quando, segundo a APROVALE (2017), dois produtores locais introduziram o vinho gaúcho em São Paulo, que já despontava como principal polo consumidor no Brasil. Contribuiu para a expansão do mercado a construção da ferrovia que ligava os municípios de Montenegro (da qual Bento Gonçalves se emanciparia, anos mais tarde) a Porto Alegre.

Em 1967 o município organiza a primeira edição da “Festa Nacional do Vinho” (Fenavinho), ocasião em que uma comitiva de autoridades esteve presente, como o então Presidente Castelo Branco, acompanhado do futuro Presidente Geisel (natural de Bento Gonçalves). Esse evento, segundo De Paris (200-?2019) conferiu à cidade projeção nacional e foi um marco para o início do turismo de negócios, ainda um dos pilares desse setor.

Desde então, uma sequência de acontecimentos ocorreu no sentido de expandir e consolidar a vitivinicultura da Serra Gaúcha. Esses marcos podem ser melhor resumidos na Figura 2, elaborada de acordo com informações fornecidas pela APROVALE (2017).

Figura 2: Linha do Tempo da Vitivinicultura em Bento Gonçalves

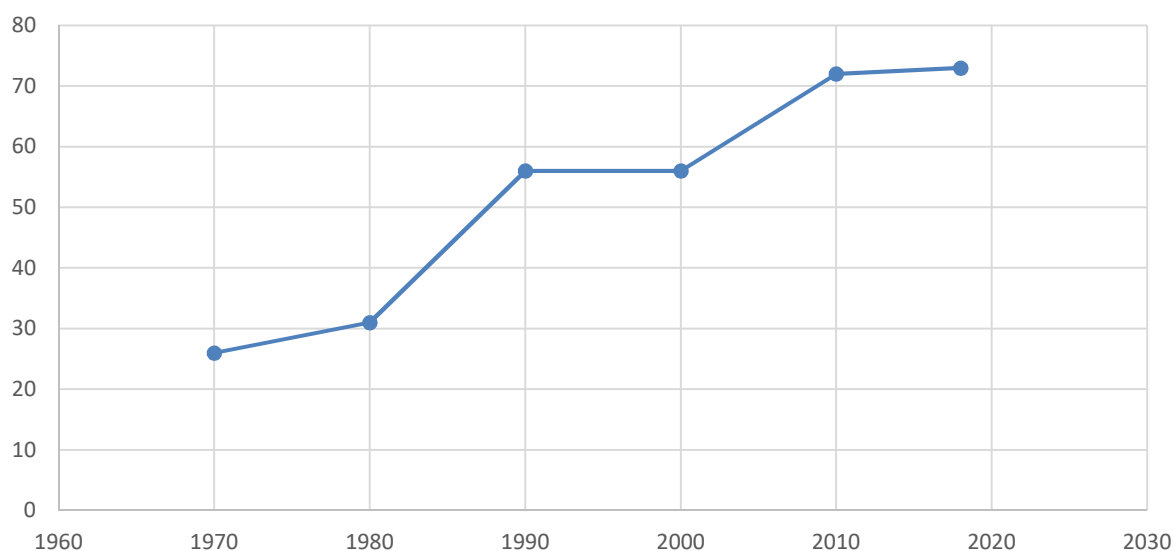


Fonte: Elaborado pelo autor com informações da APROVALE

Segundo Pedrozo (2008), a abertura econômica da década de 1990 foi crucial para a consolidação da viticultura gaúcha. O enclausuramento vivido pelas empresas do setor nos anos anteriores colaborava para um “acomodamento” das empresas numa zona de conforto que atendia, daquela forma, às expectativas da demanda. O contato com o produto importado (agora mais barato e de qualidade superior) portanto, foi o grande motor para a busca da qualidade do produto local, que se deu ora aumentando o plantio de variedades europeias, ora melhorando a produtividade e a qualidade da vinificação. Essa mudança de paradigma pode ser observada pelo fortalecimento da pesquisa no setor (com a criação da EMBRAPA), pela formação de uma estratégia de promoção do *terroir* local e do turismo (com a criação da APROVALE) e com o certificado de Denominação de Origem, tudo isso na década posterior à abertura comercial do Governo Collor.

Uma forma de verificar uma clara mudança no paradigma da produção vitivinícola local é analisar a quantidade de espécies de uvas viníferas (europeias) introduzidas ao longo do tempo. Segundo levantamento da União Brasileira de Vitivinicultura (2018), desde o começo da mensuração da produção de uvas segundo a espécie, houve um aumento substancial na produção de castas destinadas à vinificação de vinhos finos, como se observa no Gráfico 6.

Gráfico 6: Evolução na quantidade de espécies de uvas europeias plantadas localmente



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da UVIBRA

É evidente, portanto, a orientação dos produtores locais na busca por oferecer ao seu consumidor um produto à altura dos produtos importados, outrora inacessíveis pelo fechamento da economia. Esse aumento na produção de uvas viníferas mostra que houve uma clara estratégia de competitividade, com grande participação da pesquisa através da Embrapa.

Essa sequência de acontecimentos históricos dão um indicativo de uma mentalidade que foi se formando ao longo do tempo com relação a um tipo de agricultura que, até então, era inédita no Brasil. No entanto, como já dito na introdução deste trabalho, a vitivinicultura é praticada há milênios por diversos povos, sendo que alguns deles desenvolveram uma certa aura quase mitológica entorno do vinho, como é o caso dos franceses, italianos e portugueses, para citar apenas alguns dos principais produtores e consumidores. Atribui-se ao imigrante italiano, portanto, o *know how* vitivinícola introduzido no Brasil.

3.2 ASPECTOS CULTURAIS

Ao se debruçarem profundamente sobre o tema Identidade Cultural e Memória Coletiva da comunidade residente no Vale dos Vinhedos, região produtora majoritariamente situada em Bento Gonçalves, Lavandoski et al. (2012) afirmam que na Serra Gaúcha criou-se uma identidade entorno do cultivo da uva e do vinho atribuída exclusivamente às raízes dos imigrantes italiano que para lá se dirigiram no último quartil do século XIX. Essa identidade está sendo explorada, atualmente, para a promoção do enoturismo.

Lavandoski et al. (2012, pg. 223) afirmam que:

Para os imigrantes, o plantio da uva e a possibilidade de beber o vinho era formas de identificação do povo, cujas raízes estavam na Itália, um país onde a tradição vitivinícola é bastante forte. A uva deixava de ser apenas um meio de subsistência para assumir o papel de elemento unificador e formador da identidade dos imigrantes instalados na região.

O que inicialmente era um traço cultural e um elemento de identificação passa a ser, posteriormente, utilizado como alternativa de geração de renda, como pode-se verificar nos parágrafos anteriores acerca da busca por novos mercados fora da região da Serra Gaúcha para os vinhos produzidos.

É importante destacar que essa guinada na orientação vitivinícola local, embora tenha recebido incentivos exógenos, só foi possível graças ao fator cultural endógeno da comunidade

local. A respeito disso, destacam Lavandoski et al. (2012, pg. 225) que “um símbolo identitário não se fortalece a partir de uma necessidade externalizada, mas sim, através das similaridades das pessoas do local que formam a memória coletiva desse grupo”.

Para Jeziorny (2009, pg. 170) a estratégia de desenvolvimento turístico adotada (ou surgida) na região trata-se de “uma alternativa de desenvolvimento local, endogenamente constituída, em cujas ações encontram-se em conformidade com a personalidade da região ou, em outras palavras, com a historicidade do território”.

A manifestação da cultura local não se dá, portanto, somente na vocação vitivinícola. Bento Gonçalves possui um patrimônio cultural notável, que vai das construções históricas que carregam as características arquitetônicas do norte da Itália a gastronomia tradicional dos imigrantes, passando pelas festas típicas e pelo dialeto *talian*, ainda falado pelas gerações mais antigas.

Fronza da Silva et al. (2005) investigaram os elementos culturais que dão sentido ao roteiro “Caminho de Pedras”, no Distrito de São Pedro, Bento Gonçalves. Identificaram que, de início, foi o interesse privado o grande incentivador de uma série de ações que buscariam resgatar a arquitetura histórica das casas na região por meio de revitalizações. As famílias proprietárias eram, à época, majoritariamente de renda baixa, o que contribuiu para que “comprassem” a ideia de utilizar seus imóveis como fonte de renda, que viria de diversas formas posteriormente com os usos que se deram os imóveis restaurados. Ao se resgatar a arquitetura original das casas, porém, Fronza da Silva et al. (2005, p. 4) constataram que vários outros elementos da cultura local foram se evidenciando, como a forte integração familiar e comunitária, a gastronomia típica e a ideia inicial de “uma vida na América sem patrão”.

Marques et al. (2008) pesquisaram o Vale dos Vinhedos sob a ótica do capital social. Identificaram que a região é embebida de cultura italiana, que se expressa no modo de vida dos habitantes locais, na paisagem e nas instituições e, ainda hoje, o cooperativismo é um elemento importante na definição da economia local.

A região do Vale dos Vinhedos, por congrega a maioria das vinícolas do município e também por estar dentro da área de Denominação de Origem, acabou se tornando o centro do enoturismo em Bento Gonçalves, embora não seja a única rota turística, tampouco a única região produtora. Além das tradicionais visitas guiadas às vinícolas, os atrativos locais e culturais atraem os turistas pela similaridade com certas regiões da Europa e um clima

majoritariamente temperado, que se expressa inclusive nas cores que o Vale ganha em cada estação do ano.

Porém, uma sequência de acontecimentos históricos e uma cultura local propícia enraizada não garantem, isoladamente, o sucesso da vitivinicultura em nenhum lugar do mundo. A produção de uvas para vinhos finos requer um conjunto de fatores geográficos favoráveis (ou pelo menos contornáveis), além dos fatores humano e institucional.

3.3 PARTICULARIDADES GEOGRÁFICAS E CLIMÁTICAS

Em todo o mundo, estudiosos do solo e do clima se debruçam sobre a temática dos microclimas, determinantes para uma região vitícola. Flores et al. (2007) afirmam a importância das condições naturais (clima, qualidade do solo, níveis de precipitação, altitude, relevo, etc.) e humanas (manejo, ensino e pesquisa, arte, etc.) como elementos determinantes para o estabelecimento do que hoje é conhecido na vitivinicultura como *terroir*.

Flores et al. (2007) realizaram um trabalho de mapeamento dos microclimas da Serra Gaúcha utilizando metodologias de análise do solo, já que qualquer outra condição geográfica (clima, níveis de precipitação, altitude do terreno, etc.) influenciam diretamente que tipo de solo a região possui e quais técnicas de manejo são adequadas para o cultivo de uvas, ou ainda, quais espécies de uvas melhor se adaptam àquelas condições e o que pode ser feito em termos de melhoramento genético para potencializar sua produção. No estudo realizado, os autores concluíram que, em toda a região, era recomendável ou preferível o cultivo em cerca de 58% do solo local.

Em outro estudo, Weber et al. (2007) analisaram a aptidão topográfica para a produção de uvas na área atualmente demarcada como Denominação de Origem utilizando técnicas de aerolevanteamento. A topografia é determinante na qualidade da uva cultivada uma vez que interfere na captação de luz solar, drenagem de ar, variação da temperatura, etc. A análise concluiu que, no quesito topográfico, a região é quase 100% apta ao cultivo. Isso significa que o relevo natural presente na região é uma característica que compõe aquele *terroir*, que por sua vez vai interferir na produção de vinhos com características próprias.

3.4 FATORES INSTITUCIONAIS

Em Bento Gonçalves, a quantidade de organizações envolvidas na atividade enoturística e suas relações corroboram com o conceito de ASPILs. O esforço dos produtores de vinhos em consolidar sua marca dentro do selo de Denominação de Origem, seguindo rigorosos processos, além da própria existência da APROVALE, demonstra uma preocupação coletiva dos gestores em promover uma rota turística de qualidade onde, embora concorrentes, só poderão o fazer em cooperação. Somam-se a essa rede uma série de entidades e organizações, com ou sem finalidades econômicas, que se relacionam entre si em maior ou menor grau, visando a um benefício único: fortalecer a indústria vitivinícola e enoturística no município de Bento Gonçalves. Uma análise dos principais *stakeholders*⁷ da uva e do vinho pode dimensionar esse cooperativismo de forma mais clara. A seguir, fez-se uma descrição dos principais deles segundo informações constantes em seus portais eletrônicos.

3.4.1 Principais *stakeholders* do enoturismo

a) APROVALE

A Associação dos Produtores de Vinhos Finos dos Vales dos Vinhedos (APROVALE) é uma entidade privada sem fins lucrativos que congrega atualmente 22 vinícolas e 40 empreendimentos de apoio ao turismo. Seu papel na rede é “promover o desenvolvimento sustentável do Vale dos Vinhedos através do enoturismo, da integração entre os associados e a comunidade, e para fomentar a busca contínua pela excelência em produtos e serviços” (APROVALE, 2018, pg. 9). A entidade está em atividade desde 1995, e sua principal conquista foi a obtenção do selo de Denominação de Origem para os vinhos produzidos nos limites do território do Vale dos Vinhedos.

b) Associação Caminhos de Pedra

Fundada em 1997, a entidade nasceu com a finalidade de promover o turismo cultural de patrimônio histórico nas denominadas Linha Palmeiro e Linha Pedro

⁷ A palavra de origem inglesa “*stakeholder*” é comumente utilizada para designar as “partes interessadas” em uma determinada relação, econômica ou não. Uma definição bastante apropriada do Dicionário Financeiro (<https://www.dicionariofinanceiro.com>) define o termo como os grupos que poderiam afetar uma determinada relação de forma positiva ou negativa. O grupo pode incluir empresas, clientes, concorrentes, empregados, governo, sindicatos, etc.

Salgado, ambas no interior do município. Segundo a Associação Caminhos de Pedra (n/d) essas localidades contam com um importante acervo arquitetônico de tradicionais casas de pedra, cuidadosamente restaurado pela iniciativa privada, que sentiu a necessidade de criar uma associação para gerir e promover o patrimônio. Desde então, ela conta com mais de 70 associados, cerca de 28 pontos de visitação que recebem mais de 100.000 turistas por ano (ASS. CAMINHOS DE PEDRA, 2019). A associação gere, atualmente, um patrimônio que vai além de acervos materiais, como ações imateriais de resgate do “*talian*” (dialeto ítalo-brasileiro desenvolvido na região), falado pelos membros mais antigos das comunidades de descendentes de imigrantes e transmitido exclusivamente (até então) via oral.

c) Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA – Uva e Vinho)

A EMBRAPA é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que tem por finalidade “desenvolver em conjunto com o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária – SNPA, um modelo de agricultura e pecuária tropical genuinamente brasileiros” (EMBRAPA, 2019). A unidade da EMBRAPA – Uva e Vinho foi criada em 1975 em Bento Gonçalves e possui observatórios em outros municípios brasileiros. Segundo a EMBRAPA (2019), a unidade de Bento Gonçalves dedica-se exclusivamente à viticultura e fruticultura de clima temperado, desenvolvendo soluções para aumentar a competitividade do setor no Brasil dados as suas condições geográficas e climáticas.

d) Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN)

O papel do IBRAVIN no mercado da vitivinicultura é de promoção. Criado em 1988, sua missão é “planejar e realizar ações institucionais e oferecer produtos e serviços que possibilitem o ordenamento, a promoção e o fortalecimento da cadeia produtiva da vitivinicultura em todos os seus elos” (IBRAVIN, 2019). A entidade, que não possui fins lucrativos e é financiada com recursos de um fundo específico para vitivinicultura (IBRAVIN, 2019), possui diversos comitês temáticos para estudos e análises de caráter mercadológico, como o Comitê de Viticultura, o de Enologia, o de Enoturismo, etc. A entidade também tem sido uma importante promotora dos vinhos nacionais no mercado externo através do programa “*Wine of Brazil*”.

e) Produtores de Uvas

De acordo com o Cadastro Vitícola do Rio Grande do Sul – Versão 2013/2015 (EMBRAPA, 2016), somente em Bento Gonçalves existiam 1296 propriedades produtoras de uva, que cultivaram mais de 4.300 hectares de vinhedos, entre variedades comuns e viníferas. Os produtores se dividem entre pequenos a grandes, familiares ou não, associados ou independentes. As propriedades podem ser de famílias ou pertencentes as próprias vinícolas.

A principal representação da entidade no plano institucional é a União Brasileira de Vitivinicultura (UVIBRA), que tem por objeto “a defesa, o ordenamento e a harmonização institucional da produção, comercialização e promoção da cadeia produtiva brasileira [...]” (UVIBRA, 2019). Embora a entidade também represente produtores de vinhos, é a única que também congrega os produtores de uvas.

f) Vinícolas

Segundo o Informe Técnico “Panorama da Produção de Uvas e Vinho no Brasil” (MELO, 2017), em 2016, entre vinhos finos, comuns e outros derivados de uvas, foram produzidos mais de 245 milhões de litros em todo o estado do Rio Grande do Sul. Apenas em Bento Gonçalves, as vinícolas se distribuem em quantidade no Vale dos Vinhedos (23), Vale do Rio das Antas (3), Caminhos de Pedra (4) e outras em outros pontos do município que não são rotas turísticas. Existem quatro vinícolas maiores, que concentram considerável parte da produção (Casa Valduga, Miolo, Salton e Aurora), mas a maioria é de médio e pequeno porte, de caráter familiar.

A principal entidade que representa os interesses dos produtores de vinhos gaúchos é o Sindicato da Indústria do Vinho, do Mosto da Uva, dos Vinagres e Bebidas derivados da Uva e do Vinho do Estado do Rio Grande do Sul (SindivinhoRs), que tem por finalidade principal “representar legalmente os interesses das indústrias Vinícolas do Rio Grande do Sul” (SindivinhoRs, 2019).

g) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

O campus do IFRS de Bento Gonçalves é o mais antigo da rede, e também é sede da sua Reitoria. Segundo o IFRS (2019) apesar de ter sido incluída nos recém-criados institutos federais em 2008 pelo Governo Federal, a unidade de Bento Gonçalves já existia desde 1959 e era chamada de Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, oferecendo cursos de nível médio. Em 1995 a unidade passou a ofertar também

o curso Superior em Viticultura e Enologia, grau que confere ao egresso duas profissões: a de viticultor e a de enólogo. O campus também passou a oferecer a formação de Mestre em Viticultura e Enologia, o primeiro do país. A unidade mantém um intenso vínculo com a EMBRAPA na cooperação de pesquisas e tecnologia, além de ser o berço do ensino da viticultura e enologia no país e de ter formado ao longo dos anos centenas de enólogos.

h) Poder Público

O Poder Público possui um importante papel no desenvolvimento da vitivinicultura na região, seja através de benefícios de caráter fiscal, maiormente concedidos pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, seja também através de investimentos por meio das secretarias de Turismo e de Desenvolvimento Econômico, ambas ligadas ao executivo local.

Um dos principais instrumentos é a Lei Municipal nº 6.012/2015, que “dispõe sobre a política de incentivo ao desenvolvimento econômico do município [...]”. Especificamente sobre o setor, diz em seu artigo primeiro, parágrafo IV: “estimular a instalação de novos empreendimentos industriais, comerciais, prestadores de serviços, agroindústria, turismo, lazer e entretenimento” (MUNICÍPIO DE BENTO GONÇALVES, 2015). Os benefícios concedidos pela referida Lei, podem incluir a isenção total ou parcial de impostos de competência municipal (IPTU, ISS, etc.) e/ou de taxas, como por exemplo a taxa de licenciamento. Também pode ocorrer subvenções do executivo aos empreendimentos potenciais; cessão de bens mediante convênios e prioridade na burocracia municipal.

i) Associação Brasileira de Enologia (ABE)

A ABE é uma das mais antigas entidades dessa rede de relacionamentos. Fundada em 1976 em Bento Gonçalves, seu objetivo é “promover a cultura vitivinícola e estabelecer uma relação harmônica entre os enólogos e consumidores” (ABE, 2019). A Associação é hoje uma das principais entidades de promoção da cultura vitivinícola e de aperfeiçoamento profissional no mundo todo, estando frequentemente em contato com a Organização Internacional de Uva e do Vinho, entidade que congrega enólogos e similares em todo o mundo. A ABE é a idealizadora e gestora do maior evento da vitivinicultura nacional: a Avaliação Nacional de Vinhos, que ocorre em Bento Gonçalves há mais de duas décadas e se tornou o principal canal de promoção do vinho

brasileiro, haja vista que são convidados para o evento autoridades internacionais da uva e do vinho, bem como é aberto amplo espaço para a imprensa. (ABE, 2019).

j) Rede de Hotelaria e Restauração

O município de Bento Gonçalves conta com uma vasta rede de hotéis, pousadas, restaurantes, bares e similares. No portal eletrônico oficial da entidade Bento Convention Bureau (2019), apenas nos limites políticos do município de Bento Gonçalves existem atualmente 1799 leitos disponíveis para locação entre hotéis e pousadas, que se distribuem por todo o território do município, rural ou urbano. Não menos importante para a economia local, sobre o aluguel de leitos via portal *Airbnb*, que tem sido uma inovação em hospedagens em todo o mundo, uma busca no portal no mês de agosto de 2019 para uma data de *check-in* hipotética em março de 2020 revelou a disponibilidade de 213 imóveis.

A rede de restaurantes e similares também é bastante ampla. Embora majoritariamente a cultura gastronômica na cidade seja uma herança da imigração italiana, há uma certa diversidade, como churrascarias e hamburguerias. No portal de turismo oficial do município, em 2019 encontravam-se elencados 83 restaurantes, 40 cafés, 16 lanchonetes, 15 pizzarias e 3 casas noturnas. Os estabelecimentos estão por toda a cidade, mas são nas rotas turísticas que se encontram os estabelecimentos mais típicos, que produzem cardápios típicos e harmonizados com vinhos.

k) Agências de Turismo

No portal oficial de turismo do Município existem elencadas 31 agências de turismo. As agências exercem um importante papel no turismo local, pois oferecem pacotes e passeios combinados em diversos circuitos, desde as tradicionais visitas com degustação e refeições harmonizadas nas vinícolas até turismo específico (como os de aventura) ou eventos sazonais, como o “Natal Encantado”, por exemplo.

l) Indústria Metal Mecânica⁸

⁸ Não há disponível na *internet*, tampouco foi conseguido com entidades representativas, algum tipo de relatório que contivesse informações sobre a localização e especialização dessas indústrias. A constatação de sua existência se dá por contato pessoal do autor e por buscas ativas no site Google que revelaram diversas empresas do segmento na região.

Esse segmento econômico possui uma relação muito próxima ao setor vitivinícola. Sendo tradicional em toda a Serra Gaúcha, parte da produção foi sendo direcionada ao setor de vinificação ao longo do tempo, fornecendo equipamentos para os processos de produção e armazenagem do vinho, além de fornecer bens de capital para os produtores de uvas, como máquinas colhedeiças.

De acordo com a AGEITEC⁹ (2019), a indústria vitivinícola moderna faz intenso uso de tecnologia na colheita de uvas (quando o terreno permite a mecanização), mas é na vinificação que se percebe o maior emprego dela. O setor utiliza máquinas pneumáticas para o esmagamento das uvas, tanques de inox para a fermentação, máquinas injetoras para o engarrafamento e tudo é realizado com intensa automação.

m) Bento Convention Bureau

A entidade, embora não atue diretamente no setor vitivinícola, possui como principal objetivo atuar na “captação de eventos, fortalecendo a atividade turística e promovendo Bento Gonçalves como destino”. A entidade afirma ainda que sua atuação traz “divisas para a economia do município, promovendo a cadeia produtiva de um modo geral [...]”. (BENTO CONVENTION BUREAU, 2019).

A cidade conta atualmente com grandes eventos, nacionais e internacionais que, embora muitos deles não sejam ligados a vitivinicultura, impactam indiretamente o turismo local, já que os visitantes procuram as atividades recreativas em momentos de folga. Segundo o que consta no portal da Entidade, atualmente acontecem no município 10 ventos fixos, dos quais alguns ligados a importante indústria moveleira na região, que movimentam uma grande quantidade de pessoas e recursos.

n) Outros

Além dos atores mencionados, cabe destacar também o papel da Universidade de Caxias do Sul (UCS), sediada no município homônimo, que possui um campus em Bento Gonçalves e oferece os cursos de Bacharelado e Mestrado em Turismo, do qual muitos profissionais obtiveram diplomação. Também cita-se outros órgãos públicos que contribuem indiretamente para o enoturismo, como as secretarias municipais de infraestrutura, saúde, finanças, etc. O Conselho Municipal de Turismo, criado pela Lei n. 2.411/1994 também exerce um papel importante na proposição, acompanhamento e

⁹ Agência Embrapa de Informação Tecnológica

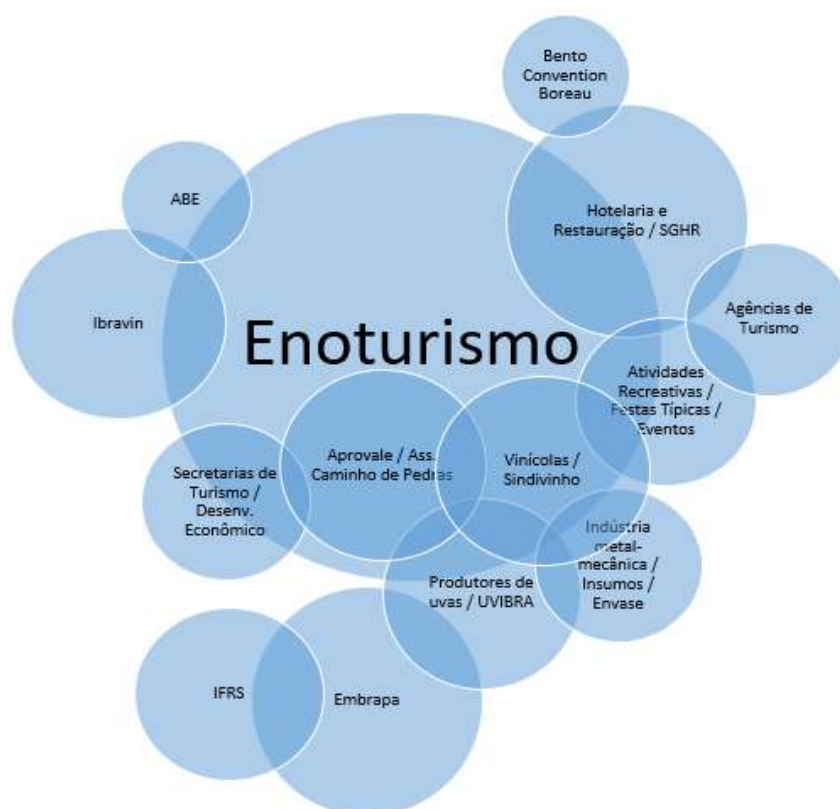
fiscalização dos serviços de turismo, além de contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Turismo e ser o principal agente de monitoramento deste.

3.4.2 Gráfico dos *stakeholders* do enoturismo

A Figura 3 mostra a relação de cada um dos *stakeholders* que, em maior ou menor grau, atuam por fortalecer a indústria do enoturismo. Alguns deles agem diretamente no setor; outros estão mais ligados a indústria vitivinícola e outros possuem funções periféricas.

Para construir o gráfico, foram consideradas as notas das próprias entidades relativas ao propósito de sua existência, publicadas em seus sites oficiais ou nos instrumentos legais que as instituíram. Com relação aos produtores de uvas, as vinícolas, a indústria de equipamentos e insumos para a indústria vitivinícola e ao setor de hotelaria e restauração, por haver em cada grupo várias empresas, optou-se por tomar como referência o respectivo órgão de classe que os representa e formar para cada grupo uma unidade, segundo a relação que se pode observar no Quadro 1.

Figura 3: Gráfico dos *Stakeholders* do Enoturismo



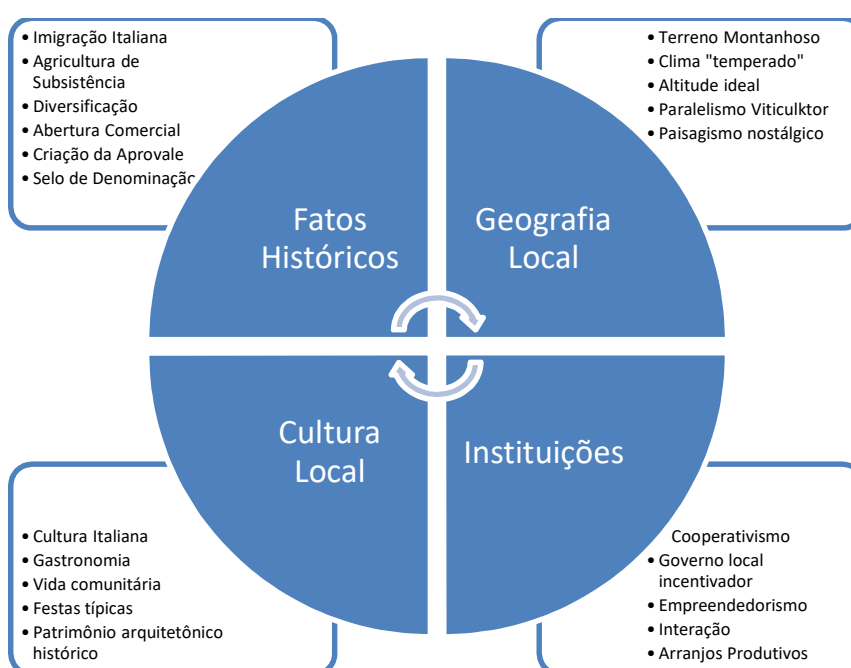
Fonte: Elaborado pelo Autor

Quadro 1: Representações de Classes para Setores Expressivos

Setor	Representante
Produtores de uvas	UVIBRA - União Brasileira de Vitivinicultura
Produtores de vinhos e derivados de uvas	Sindivinho - Sindicato da Indústria do Vinho
Indústria de Equipamentos e insumos para a vitivinicultura	Envase Brasil - Salão Vinotech
Hotéis, Restaurantes e Similares	SIGH - Sindicato Empresarial de Gastronomia e Hotelaria

Fonte: Elaborado pelo Autor através de informações dos próprios representantes

Nesse capítulo buscou-se fazer uma investigação acerca dos elementos que podem ter contribuído para que o enoturismo fosse uma alternativa econômica expressiva em Bento Gonçalves. Verificou-se que uma sequência de fatos históricos interligados a cultura trazida à Região pelos imigrantes italianos e às condições geográficas e climáticas favoráveis à vitivinicultura, somados aos fatores institucionais e sociais formam um conjunto de elementos que fazem desse destino um *case* de sucesso no agroturismo brasileiro e no desenvolvimento regional, pois grande parte dos elementos que dão sustentação à atividade de enoturismo são endógenos da sociedade e da geografia locais. O turista, sob a ótica da demanda tem, portanto, um ambiente peculiar, único e original, diferente dos muitos outros destinos turísticos no Brasil e no mundo. Essa relação oferta-demanda particular pode dar indícios de uma forma de turismo orgânica, que se mantém e se expressa pela singularidade. A figura 4 ilustra essa relação.

Figura 4: Interação dos Fatores Favoráveis ao Enoturismo

Fonte: Elaborado pelo Autor

4 O ENOTURISMO COMO COMO UM SETOR ORGÂNICO DA ECONOMIA LOCAL

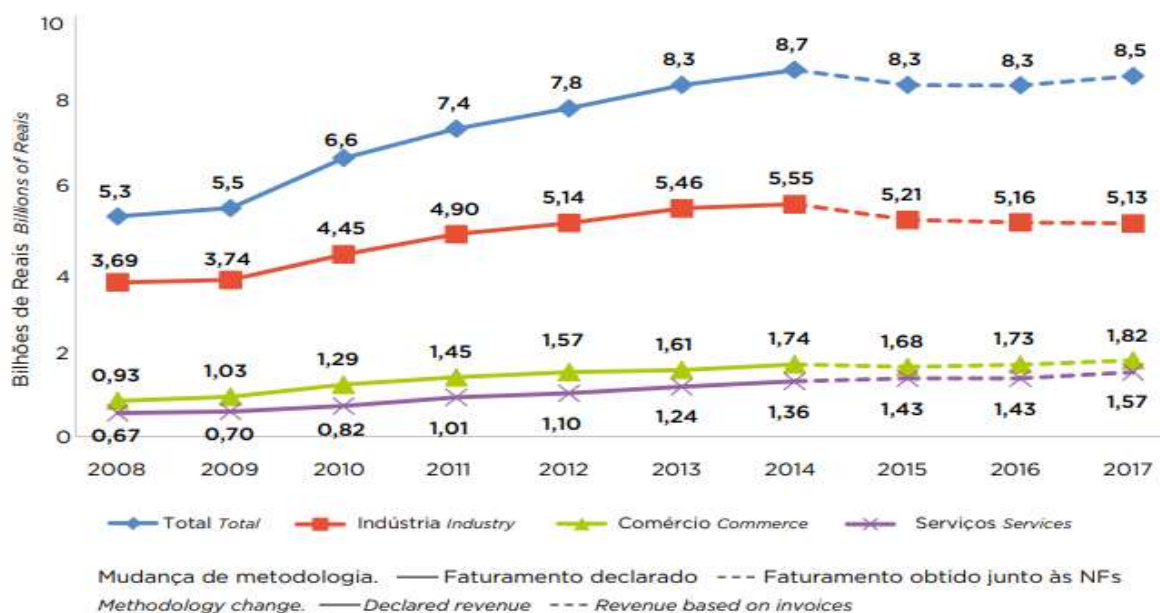
Neste capítulo será explorado o setor de enoturismo para tentar verificar se este é uma alternativa orgânica na economia local, ou seja, se está estruturado sob bases sólidas capaz de se retroalimentar e se tornar uma fonte duradora de geração de oportunidades e rendas. Já foi verificado no capítulo anterior que, por razões geográficas e culturais, o enoturismo na região ganha destaque por ser uma atividade muito difícil de se replicar em outros lugares, fazendo com que esse destino seja único. A combinação de fatores geográficos, culturais, históricos e institucionais revelou ser um elemento importante para o enoturismo. Resta saber se ele se comporta independentemente de qualquer outra atividade econômica local ou se seu funcionamento é condicionado a outros fatores, como a industrialização, por exemplo.

Para subsidiar este capítulo, serão utilizados como fonte de dados e informações a publicação bienal do Centro da Indústria e Comércio de Bento Gonçalves (CIC/BG), o Plano Nacional de Turismo do Governo Federal e o Plano Municipal de Turismo do governo local.

A Revista Panorama Socioeconômico – Edição 2018 é, segundo o CIC/BG (2018), uma das mais importantes referências sobre o andamento da economia local, que utiliza informações sobre o desempenho das empresas fornecidas para a pesquisa e contextualizadas de forma analítica com índices e dados obtidos por órgãos oficiais. Os indicadores são obtidos, estruturados e informados sempre em alguma série temporal, para poder demonstrar alguma evolução com relação a um ou alguns períodos de tempo. Os dados referem-se aos principais setores da economia, como a indústria, comércio e serviços. A análise é realizada primeiramente abordando a conjuntura internacional e nacional, do estado do Rio Grande do Sul e do município de Bento Gonçalves, nessa ordem.

Além do setor turístico, Bento Gonçalves também possui uma indústria relevante. Em termos monetários e reais, a indústria teve um faturamento em 2017 de mais de 5 bilhões de reais, constituindo-se, portanto, como o setor de maior geração de valor no município. O setor de serviços, somado, surge como o segundo setor mais importante em termos de faturamento, gerando um valor de mais de 3 bilhões no mesmo período. A Figura 5 mostra a participação dos setores no PIB local de 2008 a 2017.

Figura 5: PIB por setor econômico de 2008 a 2017



Fonte: CIC/Bento Gonçalves

Como pode-se observar, o setor industrial é forte na economia local, e semelhante ao que ocorreu em todo o país, após 2014 perdeu parte do seu potencial devido à crise econômica que atingiu o país no Segundo Governo Dilma. Entretanto, cabe destacar que o setor de serviços (onde o enoturismo mais se enquadra) continuou em crescimento mesmo diante desse cenário hostil. Ressalta-se, também, que o enoturismo inclui a indústria, se considerarmos que a produção de vinho se enquadra como indústria de bebidas.

Uma forma de analisar a atividade econômica é pelo Valor Adicionado Fiscal (VAF). Segundo Giacomeli et al. (2018), o VAF é calculado pelas secretarias das fazendas estaduais com base nas declarações anuais das empresas e dos produtores primários. Ele é calculado a partir da diferença entre o valor das saídas e das entradas de mercadorias e dos serviços de transporte e de comunicação, ou pelo percentual de 32% sobre a receita bruta para as empresas enquadradas como “simples”. O principal motivo de seu cálculo é para os estados fazerem a partilha do ICMS entre os municípios.

De acordo com o VAF da indústria de 2017, 35,4% se referia à indústria moveleira; 18,6% a indústria metal mecânica e 17,2% a indústria vinícola (GIACOMELI et al, 2018, p. 56).

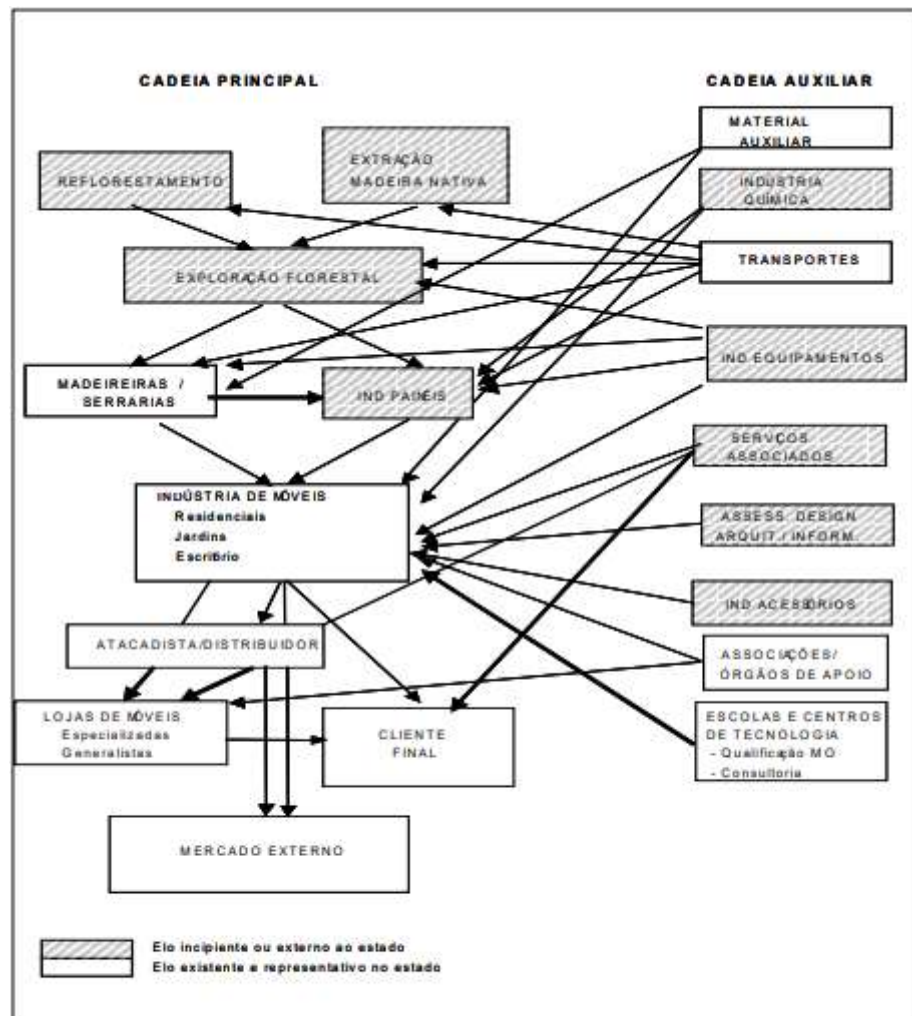
Embora a participação da indústria vinícola seja relevante e revele que esse setor é forte na economia local, é a indústria moveleira, em primeiro lugar, e a indústria metal mecânica, em seguida, os dois pilares da industrialização local. Resta saber se de alguma forma o setor de enoturismo existe em função da renda e dos investimentos da indústria, ou se ele é orgânico e autossustentável, constituindo-se com uma dinâmica própria de geração e fluxo da renda.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (2005), o setor moveleiro em Bento Gonçalves é responsável por 8% da produção de móveis no Brasil, 40% no estado do Rio Grande do Sul e representa cerca de 56% do PIB municipal. Existiam no município, em 2005, cerca de 335 empresas do setor que geravam mais de dez mil empregos diretos e indiretos. Também destaca-se a indústria metalúrgica, que no mesmo período era representada por 293 empresas e correspondia a 12,57% do PIB local, que se ocupavam basicamente na produção de máquinas e equipamentos para as indústrias moveleira e vinícola, além de integrar a cadeia produtiva da fabricação automotiva da cidade vizinha Caxias do Sul.

Tem-se por esses dados, portanto, que o segundo setor industrial mais importante em Bento Gonçalves (o metal mecânico) integra a cadeia produtiva do vinho e, conseqüentemente, do enoturismo, fornecendo parte dos equipamentos à essa indústria, como tanques de inox para fermentação, por exemplo. Com relação à indústria moveleira, apenas uma análise de sua cadeia produtiva pode dizer se em algum momento essa pode estar associada à cadeia do enoturismo.

Macadar (2017) analisou o Arranjo Produtivo Local da indústria moveleira em Bento Gonçalves. Numa busca histórica, constatou que o fato de esse município concentrar tradicionais empresas do segmento de móveis planejados (Todeschini, Della Ano, etc.) se deve, também, ao contexto histórico e ao *know how* dos imigrantes italianos, país que ainda hoje detém as melhores tecnologias e é reconhecido pelo design moderno da indústria moveleira. A Figura 5 resume a APL moveleiro em todo o estado do Rio Grande do Sul. Por se tratar de uma indústria intensa em capital, não se pode analisar sua cadeia produtiva apenas limitada a uma determinada região, pois se trata de um setor que demanda muita matéria prima e, pelo tipo de matéria demanda (madeira) exige-se grandes áreas de exploração e reflorestamento. No entanto, sabendo-se que a Serra Gaúcha concentra cerca de 68,4% do total de vendas de móveis no estado, segundo Macadar (2017) e de Bento Gonçalves ser o responsável por 40% da produção estadual, conforme já dito, é possível inferir que é nesse município que se encontra o motor desse complexo Arranjo Produtivo Local.

Figura 6: Arranjo Produtivo Moveleiro no Rio Grande do Sul



FONTE DOS DADOS BRUTOS: AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO SUL — PÓLO RS. *Análise competitiva preliminar da cadeia produtiva de móveis do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 2002. p. 12.

Percebe-se, através da Figura 6, que o setor moveleiro, embora importante, só compartilha com o APL vitivinícola e enoturístico a origem de seus fundadores. Imediatamente não é possível identificar algum elo que associe esse setor a qualquer elo do setor vitivinícola.

No entanto, cabe destacar que, por ser um município polo moveleiro, anualmente é realizado ali diversos eventos, de acordo com a Associação Bento Convention Bureau (2019), como a Feira Movelsul Brasil, que em 2016 recebeu mais de 29 mil visitantes, e a FIMMA Brasil (mais voltada para máquinas de fabricação de móveis), que em 2015 recebeu mais de 34 mil visitantes. Essas duas grandes feiras internacionais e diversos outros eventos menores trazem turistas à cidade e fomentam diretamente a hotelaria e restauração locais, além de

eventualmente uma parte deles visitarem os roteiros enoturísticos. A realização dos grandes eventos constitui, portanto, uma alternativa de renda aos prestadores de serviços hoteleiros e de restauração em meses de menor fluxo de turistas.

Concluiu-se, portanto, que os dois principais arranjos produtivos locais de Bento Gonçalves (o enoturístico e o moveleiro) coexistem e são importantes para a economia local e para a renda dos seus habitantes, mas são independentes.

4.1 A ANÁLISE SWOT APLICADA AO SETOR DE ENOTURISMO

Uma das formas de situar uma empresa ou setor em um determinado mercado se dá pela técnica de análise SWOT. Identificando as principais forças e fraquezas do elemento estudado, bem como as oportunidades e ameaças do ambiente onde ele está inserido é possível, ao fim, medir se o negócio em questão tem vigor e se, mesmo diante das ameaças, é possível manter-se competitivo.

Para tal, foi desenvolvido a Matriz SWOT do enoturismo em Bento Gonçalves. Após uma breve descrição das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, a análise da matriz como um todo pode dar algum indicativo do nível de competitividade do enoturismo e se, de fato, o setor é orgânico e representa uma alternativa segura de desenvolvimento econômico.

4.1.1 Ambiente interno: forças e fraquezas

Na Matriz SWOT, o ambiente interno se configura como endógeno e pode ser controlado. “As forças e fraquezas são determinados pela posição atual da empresa e se relacionam, quase sempre, a fatores internos” (DANTAS; MELO; 2008, p. 121). Expandindo a análise SWOT para o setor do enoturismo em Bento Gonçalves, é possível conhecer suas principais forças e eventuais fraquezas, que podem potencializar os bons resultados alcançados pelo setor ou condená-lo ao fracasso, caso as fraquezas sejam maiores e incontornáveis. As forças do setor podem ser conferidas ora por fatores naturais (como a geografia e o clima favoráveis à vitivinicultura), ora por aspectos culturais e institucionais desenvolvidos, mas característicos daquela sociedade em análise e de difícil replicação. Uma vez conhecidas, essas

variáveis podem se transformarem em diagnósticos para estratégias de competitividade e superação dos problemas.

Forças

- a) Como já dito no capítulo anterior, a cultura local herdada dos imigrantes italianos, com influência direta na gastronomia, arquitetura, dialeto, festas típicas, organização social e cooperativismo constitui uma força do enoturismo bento-gonçalvense.
- b) Geografia propícia: conforme já destacado em sessão especial, a vitivinicultura não se desenvolve em qualquer região e sob qualquer aspecto. Há um conjunto de elementos naturais e humanos locais (*terroir*) que resultam num produto único e particular da localidade de onde se produziu. Bento Gonçalves está em uma das poucas regiões no Brasil e no mundo que possuem essas características. Somam-se a esses fatores uma paisagem que mescla o ambiente natural e o ambiente modificado pelo homem, resultando numa atmosfera nostálgica e acolhedora, que remete o visitante às regiões montanhosas tradicionais da viticultura europeia.
- c) Estrutura turística padrão internacional: Bento Gonçalves é um dos 65 Destinos Indutores do Turismo¹⁰ do Mtur, sendo um dos três municípios gaúchos a compor a lista. Mesmo nessa seleta lista o município tem destaque. Segundo a Secretaria de Turismo de Bento Gonçalves (2015) para compor o índice de competitividade de cada um dos 65 destinos indutores, são analisados 12 indicadores que, de modo geral, medem a infraestrutura local, os atrativos turísticos, a economia e os aspectos sociais e ambientais. No final, ponderados esses indicadores geram o Índice de Competitividade. O Gráfico 7 sintetiza a evolução da posição de Bento Gonçalves com relação às capitais (onde se presume haver indicadores melhores pela própria dinâmica da sua existência) e com relação aos demais municípios indutores. O resultado, obtido a partir dos dados do Ministério do Turismo (Mtur, 2015), mostram que todos os municípios, sendo eles capitais ou não, compartilham índices de competitividade quase idênticos, enquanto

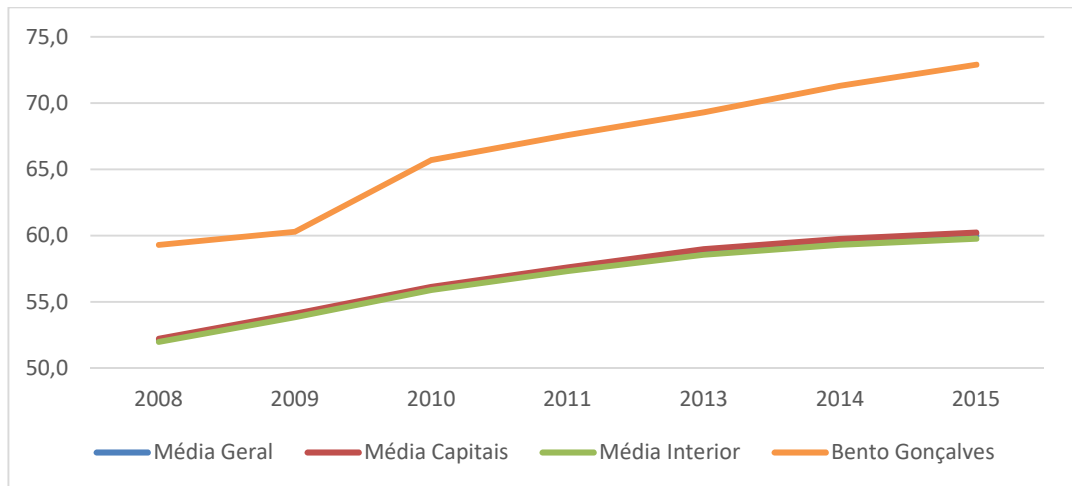
¹⁰ Segundo o Ministério do Turismo (Mtur), os Destinos Indutores “são aqueles que possuem infraestrutura básica e turística além de atrativos qualificados e são capazes de atrair e/ou distribuir significativo número de turistas para seu entorno e dinamizar a economia do território em que está inserido”. Todas as capitais dos estados compõem a lista, além de destinos criteriosamente escolhidos segundo parâmetros pré-determinados pelo Mtur.

Disponível em: <

http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/noticias/acontece/download_acontece/AirtonPereira_Destinos_Indutores_manhx_0408.pdf>.

Bento Gonçalves mostrou superioridade em toda a série temporal. Na colocação geral em 2015, o município era o segundo não-capital a aparecer no ranking, atrás somente de Foz do Iguaçu/PR e à frente de 18 capitais.

Gráfico 7: Evolução do Índice de Competitividade do Turismo de BG



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Ministério do Turismo

A Figura 7 é uma síntese da colocação de Bento Gonçalves em relação aos doze indicadores desagregados, e dá uma dimensão do quanto o município avançou em cada um deles e do quanto ainda pode avançar para se tornar ainda mais competitivo.

Figura 7: Situação de BG em cada indicador de competitividade



FONTE: Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional MTur, 2014.

- d) Obtenção do selo de Denominação de Origem: Já tratada como um marco para a vitivinicultura nacional, a obtenção do selo D.O projetou o Brasil no mundo, pois são raras as regiões que o possui. A demarcação de território na viticultura é o reconhecimento do *terroir* local e indicativo de que o padrão de qualidade dos produtos é superior e como tal deve ser mantido, fazendo com que haja uma orientação ao desenvolvimento constante.

Fraquezas

- a) A resistência em se adaptar aos novos padrões de consumo do mercado de vinhos ainda é algo perceptível na viticultura nacional. Enquanto as vinícolas, desde as maiores às *boutiques*, procuram diferenciação em seus produtos e se preocupam com a qualidade de seus vinhos e espumantes, os produtores de uvas, em muitos casos, ainda resistem a viticultura fina, preferindo utilizar suas terras para cultivares de mesa ou americanas, que não são utilizadas para vinhos finos. Embora não haja um estudo detalhado sobre isto, a intuição revela que esses agricultores podem temer à mudança da produção de um sistema que dá mais uva em quantidade (sistema de condução latada) para um sistema que privilegia a qualidade (sistema de condução espaldeira)¹¹.

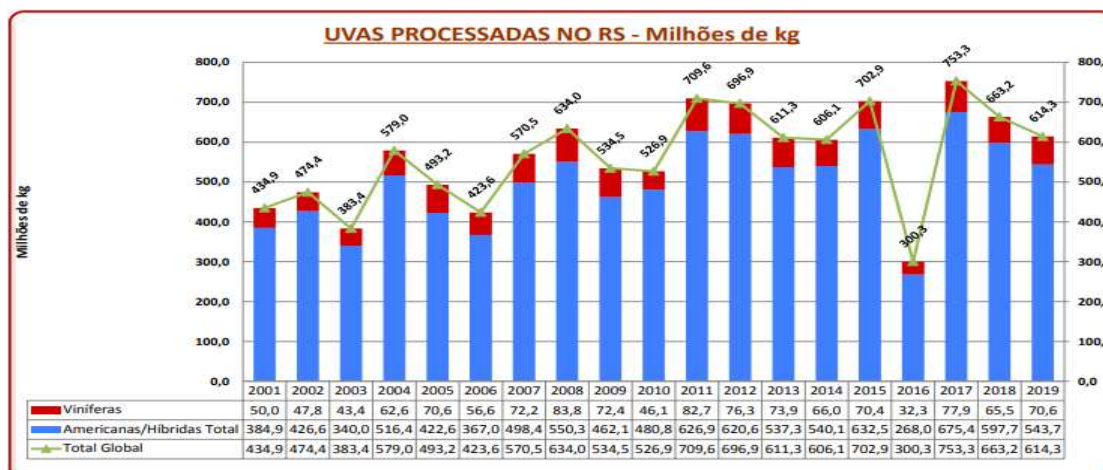
Segundo Mário Brandelli, um dos produtores de vinho da região, em uma matéria veiculada pela Revista Exame em 22/06/2017 intitulada “O vinho brasileiro tem futuro?”, os pequenos produtores não têm incentivo do poder público para fazer a reconversão dos seus vinhedos, que custava (em preços de 2017) cerca de cem mil reais. O resultado era que a razão de produção entre uvas viníferas e comuns era de 35% e 65%, respectivamente, subutilizando o potencial do *terroir* local.

Na mesma matéria, o *sommelier* João Santos afirma que para garantir o futuro ao vinho brasileiro seria preciso “o governo apoiar as famílias produtoras para elas renovarem suas plantações e finalmente tirar do mercado os vinhos de baixa qualidade, que confundem a imagem do produto com os consumidores”.

Essa resistência pode ser medida pela quantidade de uvas não-europeias ainda produzida na Serra Gaúcha, com mostra a Figura 8.

¹¹ Sistema de condução latada é uma forma de fazer com que as ramificações da videira formem uma espécie de “teto”, e faz com que se tenha mais frutos. Por haver mais folhas e frutos, a concorrência por energia reduz os níveis de açúcares nas uvas. Já o sistema de condução espaldeira, é uma forma linearizada e horizontal de condução; além de permitir uma colheita menos, privilegia a entrada de luz na videira e, conseqüentemente, mais atividade fotossintética e maior nível de açúcares, o que é benéfico para a vinificação.

Figura 8: Produção de uvas no RS por classificação



Fonte: IBRAVIN/MAPA/SAPDR-RS – Cadastro Vitícola

Percebe-se, portanto, que embora o terroir da região tenha se revelado promissor para castas consideradas finas, ainda há muito espaço para a mudança no padrão de produção para privilegiar um produto de maior valor agregado, como o vinho fino, e isso se deve à oferta de uvas que, por causa do padrão de propriedade da terra na região, é bastante heterogêneo.

Uma forma de reverter esse quadro é através de uma campanha de conscientização alinhada a uma estratégia que ofereça vantagens e segurança ao produtor resistente, como linhas de financiamento, seguros contra perda de safra, ou até mesmo o estímulo ao surgimento de mais vinícolas familiares.

- b) A segunda fraqueza diz respeito a fatores institucionais. Embora muito se tenha avançado nas últimas décadas quando se fala em uma vitivinicultura nacional, com a criação de diversas associações de representação de classes (como produtores de uvas, de vinho, hotelaria e restauração, etc.), estudos têm revelado que há muito espaço para o aumento da interação, que pode beneficiar e potencializar ainda mais os resultados do setor. Sehnem et al. (2010), ao pesquisarem o APL da vitivinícola da Serra Gaúcha, detectaram que por causa dos fatores históricos e culturais, há ainda uma certa resistência a cooperação estratégica, ou seja, nem todos os agentes estão empenhados em uma estratégia de longo prazo para potencializar os resultados do setor (e, conseqüentemente, os seus). Embora exista uma interação bastante expressiva, os resultados da pesquisa mostram espaço para aprofundamento dessa agenda de cooperação.

Há diversas instituições hoje na região que cuidam dos interesses dos produtores, e o setor público atua, em muitos casos, para direcionar esses interesses para a promoção da vitivinicultura e do enoturismo local, já que esse setor tem demonstrado ser uma forte alternativa de renda e de impostos. Assim como a Secretaria de Turismo elabora um plano municipal de turismo, poderia incentivar também a elaboração de uma estratégia conjunta especificamente para o setor vitivinícola, convidando e ouvindo todas as entidades representativas dos agentes envolvidos.

4.1.2 Ambiente externo: oportunidades e ameaças

O ambiente externo na Matriz SWOT diz respeito às variáveis que são incontroláveis pelo agente ou, no caso em questão, pelo arranjo produtivo do enoturismo. Trata-se de oportunidades ou ameaças, que representam possibilidades de ganhos e perdas, respectivamente. O conhecimento dessas variáveis é imprescindível para traçar uma estratégia de aproveitamento das oportunidades e antecipação dos riscos. Por isso, após elencar os principais pontos, fez-se algumas notas sobre o que o setor vem fazendo ou pode fazer para potencializar as oportunidades ou remediar as ameaças.

Oportunidades

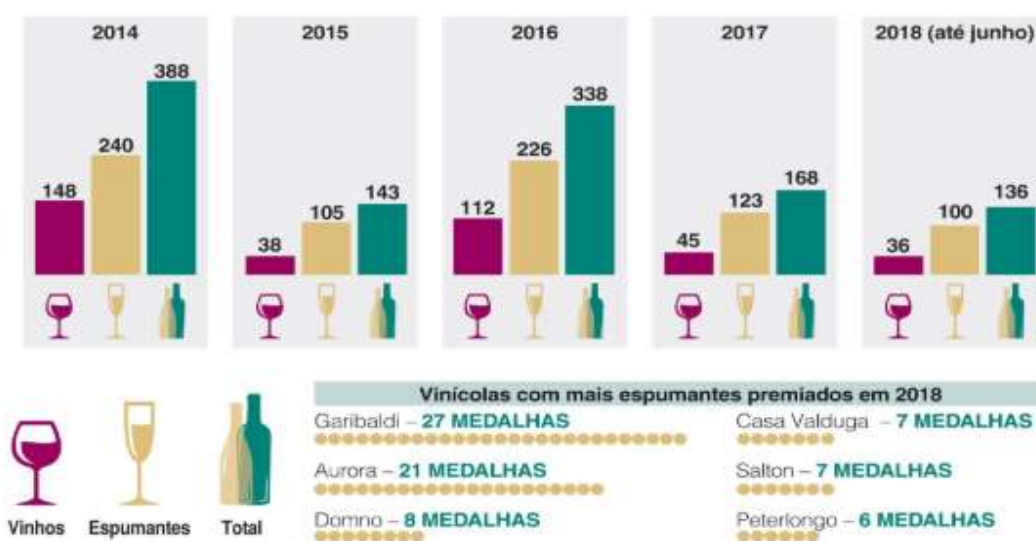
- a) O enoturismo, como já definido, é a atividade recreativa em torno da cultura da uva e do vinho. Embora os roteiros de Bento Gonçalves ofereçam hospedagem aconchegante e gastronomia de alta qualidade, é por causa das visitas às vinícolas que o turista escolhe visitar a cidade. Se quem consome vinho é um potencial consumidor do enoturismo, há no Brasil muito espaço para o crescimento da demanda nesse mercado. Estudos apontam que o consumo de vinho aumenta junto com a renda. Almeida et al (2015), analisaram a elasticidade no consumo de vinhos no Brasil em função da renda. Concluíram que mudanças na renda aparentam ter impacto sobre o consumo de vinho maior quando comparadas ao impacto sobre outras bebidas alcoólicas. No mesmo estudo, concluíram também que mudanças no preço do vinho produzem menos impacto em seu consumo do que em outras bebidas. Ou seja, o consumidor de vinho é mais

“fiel”, e continua o consumindo mesmo com queda na renda ou aumento nos preços mais do que qualquer outra bebida.

Esse cenário é uma oportunidade para o enoturismo, pois revela que um aumento na renda nacional pode incorporar novos consumidores a esse mercado. Uma vez tornando-se consumidores de vinhos, podem também ser potenciais consumidores de produtos turísticos do enoturismo.

- b) Embora falta um estudo detalhado sobre a penetração do vinho brasileiro no mundo, uma análise sobre diversas premiações que os rótulos nacionais alcançam em concursos pelo mundo pode dar uma dimensão do espaço que o Brasil está conquistando. A Figura 9 dá uma dimensão numérico e temporal das premiações que os vinhos brasileiros obteve nos concursos mundiais.

Figura 9: Prêmio Alcançados no Exterior de Vinhos Brasileiros



Fonte: Soares (2018, apud Associação Brasileira de Enologia)

O gráfico revela que os espumantes vêm se consolidando como o principal produto do terroir da Serra Gaúcha, embora vinhos tintos também foram premiados. Cabe ressaltar, que a leitura do gráfico não deve ser vista como uma “involução”, haja vista que, por exemplo, em 2014, mais vinhos foram premiados. É natural essa oscilação, pois a produção de uvas e vinhos não é linear, estando sujeitas às quebras de safras, que podem reduzir a produção em quantidade e em qualidade. Outra observação interessante, é que

todos os prêmios foram para os vinhos do terroir da Serra Gaúcha, fortalecendo ainda mais a reputação local e contribuindo para o enoturismo.

Essa projeção internacional dos vinhos brasileiros pode conferir ao enoturismo uma oportunidade de expansão, haja vista que cresce o interesse dos consumidores pelos produtos locais e por conhecer seus processos produtivos, o que ocorre por meio de visitas aos vinhedos e as vinícolas.

Ameaças

- a) Como a maioria dos segmentos da economia, o setor de enoturismo pode sofrer as consequências de um ambiente econômico frequentemente hostil. Embora os estudos de Almeida *et al* (2015) apontam que o consumo de vinho não é sensível às variações na renda, nenhum estudo realizado considera os efeitos de uma crise profunda e prolongada, capaz de gerar escassez. Esse cenário configura, portanto, como uma ameaça. Na eminência de uma crise econômica prolongada, o lazer parece ser o segmento em que as pessoas mais cortam recursos de seus orçamentos. Segundo Rodrigues e Mallou (2014, apud ITB World Travel Trends Report, 2010), a crise econômica global de 2008 fez com que, em todo o mundo, as chegadas caíssem 4%, a taxa de hospedagem reduzisse 7% e os gastos dos turistas ficassem 9% menores já em 2009. Isso se dá, segundo as autoras, por dois motivos principais: ora por que a crise afeta diretamente a renda das pessoas, ora por que ela traz uma sensação de insegurança, fazendo que as pessoas se apeguem mais ao trabalho e a poupança.

Uma forma de driblar a dependência exclusivamente do turismo cultural é aproveitar os recursos e equipamentos existentes (hotelaria, restauração, etc.) para a promoção de grandes eventos em períodos de menos fluxo turístico. Dessa forma, a renda das pessoas que ofertam essas atividades não fica tão comprometida em função de um segmento orientado somente por lazer que, como já vimos, é impactado por crises. Nesse quesito, Bento Gonçalves tem realizado um bom trabalho através da entidade Bento Convention Bureau, que atua na captação de eventos para o município.

- b) O aquecimento global é uma ameaça para toda a vida terrestre e configura como uma das principais ameaças para qualquer pessoa, organização e para a fauna e a flora. De acordo com Monteiro (2011) os impactos que a viticultura poderá sentir já nas próximas

décadas diz respeito à possibilidade de invernos mais curtos e mais quentes. Nessa situação, ondas de calor no período de dormência das videiras poderá desequilibrar o ciclo e dificultar o manejo, além de provocar aquecimento do solo e aumento da incidência de fungos e bactérias, altamente nocivos à planta. Já Inês (2011), afirma que os impactos do aumento da temperatura já são sentidos na viticultura há 50 anos, tendo inclusive beneficiado essa. O que não se garante, portanto, é se as mudanças que virão serão positivas¹² como as que ocorreram nas principais regiões produtoras nos últimos anos. O comportamento em cada região produtora no mundo pode variar de acordo com o impacto que o clima ali reproduzir. Num horizonte mais remoto, Inês (2011) afirma que poderão surgir outras regiões produtoras, como o norte da Europa.

É possível que eventos recentes de quebra de safra devido a geadas na região da Serra Gaúcha estejam ligados às alterações climáticas, trazendo prejuízos aos produtores, principalmente para quem é associado de alguma cooperativa e toda sua renda depende da colheita. A oscilação de produção mostrada na Figura 8 (Produção de Uvas no RS por Classificação) ocorre devido as quebras de safra.

É cedo ainda para prever com exatidão e tomar medidas específicas na vitivinicultura contra alguma consequência do aquecimento global. De qualquer forma, todo o esforço empenhado pela Embrapa nos últimos anos consistiu em desenvolver espécies que se adequassem ao clima subtropical da Serra Gaúcha, e ainda o poderá fazer antecipando e remediando futuras e possíveis alterações climáticas. Também já há algumas décadas tem sido prática das principais vinícolas da Serra em cultivar uvas mais ao sul do estado do Rio Grande do Sul, prática que pode ser ampliada dadas as previsões ambientais nesse cenário de aquecimento global.

- c) Também configura uma ameaça à vitivinicultura nacional, e ao enoturismo em consequência, o preconceito nacional com relação ao vinho local. Como já abordado no Capítulo 3, na sessão de fatores históricos que contribuíram para a introdução da vitivinicultura no Brasil, por muito tempo o mercado para importação de vinhos era restrito, e o que se produzia internamente, em regra geral, eram vinhos de consumo corrente¹³. Com a abertura comercial e o aumento do consumo de vinhos estrangeiros,

¹² As mudanças climáticas que podem ser nocivas a muitas espécies, também podem ter beneficiado a vitivinicultura no século passado, segundo Ines (2001). A escassez hídrica, por exemplo, é desejada na viticultura, pois a maturação da uva se dá melhor e mais rápido, aumentando seus níveis de açúcares e outros sólidos solúveis essenciais a um bom vinho.

¹³ Vinhos de consumo corrente é o nome que se dá ao que se conhece popularmente por “vinhos de garrafão”.

o brasileiro passou a ter acesso aos produtos de regiões tradicionais da vitivinicultura, então a comparação foi inevitável. Mesmo após os inquestionáveis avanços tecnológicos que possibilitaram a melhoria nítida do vinho brasileiro, comprovado pelas inúmeras premiações como mostra a Figura 9, pode haver ainda uma certa resistência ao produto local. Uma matéria da Revista Exame publicada em 22/06/2017 intitulada “O vinho brasileiro tem futuro?” aborda a percepção de alguns dos principais produtores de vinho do país acerca do preconceito dos consumidores locais. Todos são unânimes em apontar esse problema, e destacam que frequentemente consumidores comparam preços de bons vinhos brasileiro com vinhos inferiores importados, mas a origem do rótulo destes últimos os fazem questionar o preço dos vinhos brasileiros.

O trabalho de convencimento da qualidade do produto nacional é lento, mas exponencial. Desde que notícias sobre as premiações do vinho brasileiro em concursos internacionais viram rotina, o mercado interno ganha novos admiradores. O enoturismo pode contribuir para isso, pois ao conhecerem as rotas enoturística, visitar as vinícolas e vinhedos, estar em contato direto com a forma como o produto nacional é produzido segundo os mais modernos padrões de qualidade pode convencer o consumidor da qualidade do vinho nacional.

4.2 SÍNTESE DA MATRIZ SWOT DO ENOTURISMO

Reproduz-se na Figura 10 a síntese da Matriz SWOT do enoturismo em Bento Gonçalves.

Figura 10: Matriz SWOT do enoturismo de Bento Gonçalves

	Fatores Positivos	Fatores Negativos
Fatores Internos	Cultura Local Geografia Propícia / Beleza Natural Estrutura turística destacada "Destino Indutor" - Mtur Selo "Denominação de Origem"	Resistência a inovação Ausência de uma estratégia explícita do setor vitivinícola em conjunto
Fatores Externos	Crescimento da demanda por vinhos junto com o crescimento da renda Projeção internacional da qualidade dos vinhos brasileiros Espaço Interno para crescimento	Aquecimento global Fatores econômicos Quebras de safra Preconceito com o produto nacional

Fonte: Elaborado pelo Autor

A análise da Matriz permite concluir que, em linhas gerais, há mais forças do que fraqueza, pois conforme explorado no Capítulo 3, o *terroir* local (soma de fatores naturais e humanos) é sólido, reconhecido por lei (lei de propriedade intelectual) e único, não sujeito a réplicas. Com relação a estrutura turística, o Índice de Competitividade Turística de Bento Gonçalves, sintetizado na Figura 7, revela que o município possui uma excelente estrutura, superior a maioria das capitais do país e superior aos dois outros municípios do Rio Grande do Sul: a capital, Porto Alegre, e a cidade de Gramado. Sobre as fraquezas, percebe-se que os dois principais pontos levantados se referem à cultura institucional local. Analisando a evolução que a mesma obteve desde a identificação do potencial vitivinícola, não é precipitado afirmar que esses obstáculos se diluem com o tempo.

Com relação às oportunidades levantadas, nota-se que essas estão ligadas ao crescimento e consolidação do mercado, que pode vir com o crescimento da economia. Sendo o Brasil um país de renda média com um potencial subutilizado, há espaço para crescimento da renda e, com ele, incremento de consumidores a esse mercado. Também considera-se uma oportunidade a projeção internacional que a vitivinicultura nacional vem alcançando nos últimos anos, resultado de intenso trabalho e esforço. Já as ameaças constituem as variáveis mais nocivas ao setor, mas as possíveis consequências do aquecimento global já são e serão sentidas por todas as regiões produtoras no mundo, de modo que é cedo para prever qual será a resposta brasileira (e bento-gonçalvense) ao problema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi verificar quais aspectos contribuíram para que o enoturismo se tornasse um setor econômico importante dentro da economia do município de Bento Gonçalves/RS e se esse setor apresenta algum grau de organicidade, ou seja, se ele é uma alternativa sólida de renda e se é capaz de se manter no longo prazo.

Através de uma revisão literária sobre o conceito de desenvolvimento regional, sobretudo dentro do espaço rural, bem como a respeito dos padrões de cooperação econômica e do papel do turismo na promoção de um desenvolvimento regional sólido, buscou-se referências sobre os principais fenômenos socioeconômicos que ocorrem (ou podem ocorrer) em uma sociedade edificada longe dos centros urbanos industriais integrados às grandes cadeias globais de valor.

Após a apresentação de indicadores socioeconômicos do município de Bento Gonçalves e a constatação de uma sociedade próspera para os padrões latino-americanos, procurou-se identificar quais elementos foram fundamentais para que o enoturismo, uma das principais atividades econômicas locais, se tornasse um *case* de sucesso.

A análise da literatura sobre o tema e de alguns indicadores revelou que uma série de acontecimentos históricos importantes, alinhados aos fatores cultural, geográfico-climático e institucional fizeram com que, primeiramente, a vitivinicultura implantada pelos primeiros imigrantes italianos na então Colônia Dona Isabel se tornasse mais do que uma fonte de subsistência para a comunidade, como também um setor econômico promissor. Tudo isso ocorreu paralelo às mudanças no contexto político, cultural, institucional e tecnológico, fazendo com que uma série de vetores conduzisse a vitivinicultura e o enoturismo à consolidação como um setor importante e internacionalmente reconhecido.

Uma vez que esse setor se tornou parte importante não apenas da economia local, mas da própria identidade cultural e essência dos habitantes de Bento Gonçalves, questionou-se se suas bases eram sólidas o suficiente para fazer com que o mesmo seja uma alternativa permanente de renda, com expectativa de crescimento e ainda mais solidez no longo prazo.

Uma das formas de se verificar a competitividade de uma empresa ou setor se dá através da análise da Matriz SWOT. Para isso foram elencadas as principais forças e fraquezas no ambiente interno do setor de enoturismo, bem como as oportunidades e ameaças que o ambiente externo poderia representar. Foi constatado, que as forças do setor sobrepõem as suas fraquezas, e que as oportunidades podem ser ainda mais potencializadas e as ameaças remediadas até um certo ponto.

Conclui-se, portanto, que o setor de enoturismo não é apenas importante para a sociedade bento-gonçalvesense como também o é para a vitivinicultura nacional. Por se tratar do principal polo de produção de uvas e de vinho no país, Bento Gonçalves também é a porta de entrada para as novas tecnologias voltadas para o setor, bem como o cartão de visitas da vitivinicultura nacional. É o município a principal referência do vinho brasileiro, e isso pode ser constatado pelas inúmeras premiações que os rótulos locais vêm obtendo em concursos no exterior, símbolo do reconhecimento de um trabalho promissor.

Cabe destacar, que a vitivinicultura pode existir sem o enoturismo. Há outras regiões produtoras de uva e vinho no Brasil, como o Vale do Rio do Peixe, em Santa Catarina, ou o Vale do Rio São Francisco, em Pernambuco. No entanto, o enoturismo surge, na Serra Gaúcha e em Bento Gonçalves, especialmente, como um “catalizador” da vitivinicultura nacional, pois é através de um ambiente muito bem equilibrado, paisagens inspiradoras, visitas às vinícolas, preservação do patrimônio histórico e cultural e gastronomia de qualidade que o turista valoriza ainda mais o produto local. O enoturismo é, portanto, uma forma especial de agregar valor à vitivinicultura, quase sempre subjetivo, além de ser um setor que movimenta os principais setores da economia, como a agricultura, a indústria e, em maior parte, o setor de serviços.

Por fim, ressalta-se que a importância do enoturismo para a comunidade local é muito maior do que qualquer grandeza numérica ou monetária possa demonstrar. Trata-se de um setor que privilegia a mão-de-obra familiar, a pequena produção, os valores comunitários, o amor à terra e ao trabalho, a hospitalidade e o bem-estar. Num mundo onde a tecnologia alcançou patamares inimagináveis até mesmo pelos seus contemporâneos e onde o futuro está sempre inatingível, um lugar que remeta à manufatura quase artesanal, ao valor do passado e das tradições, ao prazer da mesa ou a simples contemplação de um vinhedo em flores, frutos e cores ganha cada vez mais importância por servir como referência de um mundo cada vez mais distante.

Como sugestão para trabalhos futuros, citam-se questões que foram surgindo no decorrer da realização desta pesquisa, tais como:

- i) O impacto que o enoturismo gera nos municípios vizinhos a Bento Gonçalves e também produtores de uva e vinho, como Garibaldi, Monte Belo do Sul e Pinto Bandeira. Todas essas regiões já possuem roteiros de visita e características próprias de *terroir*.

- ii) Um estudo mais detalhado e profundo sobre o impacto da abertura comercial da década de 90 no mercado enológico, como mudanças no comportamento dos consumidores, balança comercial, etc.
- iii) Uma pesquisa de campo exploratória e profunda sobre as transformações ocorridas na industrial metalúrgica para atender o setor vitivinícola.
- iv) Uma abordagem econométrica que relacione os indicadores socioeconômicos do município com o desempenho das indústrias moveleira, metalúrgica e vitivinícola, a fim de saber qual o real impacto que cada uma delas possui sobre tais indicadores.
- v) Um mapeamento de outras regiões vitivinícolas no País a fim de saber se possuem condições iniciais semelhantes às de Bento Gonçalves para verificar a possibilidade de se criar rotas turísticas e desenvolver o setor, que poderá contribuir para a economia local.

REFERÊNCIAS

ABLAS, L. Efeitos do Turismo no Desenvolvimento Regional. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 2, n. 1, maio 2001. Disponível em: < <http://www.periodicos.usp.br/rta/article/view/63950> > Acesso em: 20/10/2019.

AGÊNCIA EMBRAPA DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA. **Insumos e Equipamentos**. Disponível em: < https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/uva_para_processamento/arvore/CONT000g27iaqwf02wx5ok0ha2lip7rmjm5m.html > Acesso em 06/11/2019.

ALMEIDA, A. N.; BRAGAGNOLO, C.; CHAGAS, A. L. S. A demanda por Vinho no Brasil: Elasticidades no Consumo e Determinantes da Importação. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 53, n. 3, jul-set/2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032015000300433 > Acesso em: 02/11/2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENOLOGIA. **XXVII Avaliação Nacional de Vinhos – Safra 2019**. Disponível em: < <https://www.enologia.org.br/avaliacao-nacional-de-vinhos/> > Acessado em 03/08/2019.

_____. **Conheça a ABE**. Disponível em: < <https://www.enologia.org.br/abe/> > Acesso em: 09/08/2019.

ASSOCIAÇÃO CAMINHOS DE PEDRA. **Histórico**: Roteiros Caminhos de Pedra. Disponível em: < <https://www.caminhosdepedra.org.br/historico/> > Acessado em: 03/08/2019.

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE VINHOS FINOS DO VALE DOS VINHEDOS. Seja bem-vindo ao Vale dos Vinhedos, um Roteiro que Congrega Opções para o Melhor do Enoturismo Brasileiro.

BARRETO, Margarida. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. (13ª edição). Campinas: Papirus, 2003.

BENTO CONVENTION BUREAU. **Sobre Bento Convention**. Disponível em: < <https://www.bentoconvention.com.br/pt-br/sobre> > Acesso em 03/08/2019.

_____. **Hospedagem**. Disponível em: < <https://www.bentoconvention.com.br/pt-br/eventos/hospedagem> > Acesso em 03/08/2019.

BENTO GONÇALVES. Secretaria Municipal de Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2015-2018**. Bento Gonçalves, 15 dez. 2015. Disponível em: < <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/downloads/Plano-Municipal-de-Turismo-2015-2018.pdf> > Acesso em: 15/10/2019.

_____. **Lei n. 2.411/94**, de 28 de dezembro de 1994. Cria o Conselho Municipal de Turismo e dá Outras Providências. Bento Gonçalves, 1994.

BENI, M. C. **Clusters e desenvolvimento sustentável do turismo**. Comércio Exterior Informe BB. Brasília: Banco do Brasil, ed. 69, ano 15, 2007.

BÊRNI, D. de A. **Técnicas de Pesquisa em Economia**: Transformando curiosidade em conhecimento. Florianópolis: GangeS, 1998.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo**: marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. **Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico**. 2ª ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Texto para Discussão nº 157: O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico. **EESP-FGV: Textos para Discussão**, São Paulo: FGV. p. 25-25, dezembro/2006.

CAMPOS, R. R.; NICOLAU, J. A.; BARBETTA, P. A. A. **Aspectos metodológicos para pesquisa de micro e pequenas empresas em arranjos produtivos locais**. Florianópolis: UFSC/CSE: SEBRAE, 2002.

CARDOSO, A. V. **Síntese histórica do Campus Bento Gonçalves do IFRS**. Bento Gonçalves, dez. 2016. Disponível em: <<https://ifrs.edu.br/bento/institucional/historico/>>. Acesso em: 03/08/2019.

CÁRIO, S. A. F.; NICOLAU, J. A.; ENDERLE, R.A. Estudo do Arranjo Produtivo Local Madeireiro do Vale do Itaguaçu (PR/SC): Capacitação Tecnológica e Política de Desenvolvimento. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.108, p.113-141, jan./jun. 2005

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo**: fenómeno social. (2ª edição). México: Fondo de cultura económica, 1997.

DE PARIS, A. **História do Município de Bento Gonçalves**. Disponível em: <<http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/a-cidade/historico>> Acesso em 19/10/2019.

ELLIS, F. BIGGS, S. Evolving themes in rural development – 1950s-2000s. **Development Policy Review**, 19 (4): 437-448, 2001.

ELLIS, F. Household strategies and rural livelihood diversification. **The Journal of Development Studies**, 35 (1): 01-38, 1998.

_____. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FALCADE, Ivanira. MANDELLI, Francisco. **Vale dos Vinhedos - Caracterização Geográfica da Região**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. 144 p

FEE – Fundação de Economia e Estatísticas do Rio Grande do Sul. **Perfil Socioeconômico do Rio Grande do Sul** [online]. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/>> Acesso em 13/09/2019.

FEIL, A. A.; HEINRICHS, A. Aplicação da Análise da Matriz SWOT em 5 Agências de Atendimento de uma Cooperativa de Crédito Situada no Vale do Taquari-RS. **Revista Eletrônica de Administração**. Franca/SP: Uni-Facef. v. 11, n. 01, jan-jun/2012, p. 1-13. Disponível em: < <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea/article/view/498/472> > Acesso em 20/09/2019.

FLORES, C. A.; HASSENACK, H.; WEBER, E.; SARMENTO, E.C. Potencial Edáfico da Serra Gaúcha, Brasil para a Viticultura. In: Congresso Latinoamericano de Viticultura e Enologia, 11º, 2007, Mendoza. **Anais...**Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 1-6.

FRONZA DA SILVA, M.; ALMEIDA, J.A.; SOUZA, M. DE. O turismo Rural e as Organizações Sociais Locais de São Pedro, Bento Gonçalves-RS. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, Lavras, v. 7, n. 3, set-dez, 2005, p. 335-344.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. (6ª edição). São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Cidades e Estados, 2010**. [online] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bento-goncalves/panorama>. Arquivo consultado em 20 de abril de 2019.

_____. Tabela 6784 – **Produto Interno Bruto; Produto Interno Bruto per Capita; População Residente e Deflator** [online]. Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6784#/n1/all/v/9812/p/all/d/v9812%202/l/v.,t+p/resultado> > Acesso em 05/09/2019.

INÊS, D. M. Z. M. **A Fitomonitorização como Ferramenta no Estudo do Impacto das Alterações Climáticas em Viticultura**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrônômica) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO. **Sobre o IBRAVIN**. Disponível em: < <https://www.ibravin.org.br/Institucional> > Acesso em: 10/08/2019.

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios e Regiões Metropolitanas Brasileiras** [online]. Disponível em: < <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/sobre> > Acesso em 16/10/2019.

JEZIORNI, D. L. **Território Vale dos Vinhedos: Instituições, Indicação Geográfica e Singularidade na Vitivinicultura da Serra Gaúcha**. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. (5ª edição). São Paulo: Atlas, 2007.

LAVANDOSKI, J.; TONINI, H.; BARRETO, M. Uva, Vinho e Identidade Cultural na Serra Gaúcha (RS, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: ANPTUR. v. 6, núm. 2, mai/ago, 2012, p. 216-232.

LOCKS, Eliza Bianchini Dallanhol; TONINI, Hernanda. Enoturismo: O vinho como Produto Turístico. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo: USP. v.16, n. 02. p.157-173, novembro/2005.

MACADAR, B. M. DE. A Inserção do Arranjo Produtivo Local (APL) moveleiro de Bento Gonçalves na Cadeia Produtiva de Madeira e Móveis. **Ensaio FEE**, v.28, n. 2, p. 474-496, 2017.

MAILLAT, D. **The innovation process and role of the milieu**. IN: BERGMAN, E. et al. **Regions reconsidered: economic network, innovation and local development in industrialized countries**. London: Mansell, 1991. p.103-117.

MARQUES, C. B.; MACKE, J.; SCHUCH SANTOS, C. H. A Ação do Capital Social em Rotas Turísticas e a Perspectiva de Desenvolvimento Local: em Análise as Rotas Turísticas do Vale dos Vinhedos e dos Caminhos de Pedra (Bento Gonçalves-RS). **Revista de Desenvolvimento Regional**, v. 13, n. 01, jan-abr, 2008, p. 49-67.

MARSDEN, T. Exploring a Rural Sociology for the Fordist Transition: incorporating social relations into economic restructuring. **Sociologia Ruralis**, v. 32, nº 2/3, p.209- 230, 1992.

MARSHALL, A. **Principles of Economics**. 8ªed. Londres: Macmillan, 1920

MELLO, L. M. R.; MACHADO, C. A. E. **Cadastro Vitícola do Rio Grande do Sul**.1ª ed., Brasília: Embrapa, 2017. 85p.

MONTEIRO, J. E. B. A. Mudança Climática Será Nociva para a Agricultura na Maior Parte do Brasil. **Avindima**, p. 15, 2011. Disponível em: < <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/36328/1/MONTEIRO-Vindima-v4n30p15-2011.pdf> > Acesso em: 01/11/2019.

MUNICÍPIO DE BENTO GONÇALVES. **História da Imigração**. [online]. Disponível em: < <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/a-cidade/historia-da-imigracao> >. Arquivo consultado em 22 de abril de 2019.

_____. **Lei n. 6.012, de 01 de dezembro de 2015**. Dispõe Sobre a Política de Incentivo ao Desenvolvimento Econômico do Município de Bento Gonçalves e dá Outras Providências. Disponível em: < <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/downloads/desenvolvimento-economico/Lei-Municipal-6012-01-12-2015.pdf> > Acesso em: 12/09/2019.

NATHALLYE, G. S.D.; MELO, R. S. O Método de Análise SWOT como Ferramenta para Promover o Diagnóstico Turístico de um Local: o Caso do Município de Itabaiana/BA. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 8, n. 1, 2008, p. 118-130.

O QUE São *Stakeholders*? **Dicionário Financeiro**. Disponível em: < <http://www.dicionariofinanceiro.com/sobre/> > Acesso em 02/09/2019.

PACHECO, Aristides de O. SILVA, Siwla Helena. **Iniciação à Enologia**. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). **Turismo: como Aprender, como Ensinar**. São Paulo: São Paulo Editora, 2001.

PLOEG J.D. van der and RENTING, H. Impact and potential: a comparative review of European rural development practices. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, 40 (4): 529-543, 2000.

PORTER, M. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PNUD – Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento; IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas; Fundação João Pinheiro. **Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil** [online]. Disponível em: < http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/o_atlas/ > Acesso em: 02/10/2019.

RABAHY, Wilson Abraão. **Turismo e Desenvolvimento: Estudos Econômicos e Estatísticos no Planejamento**. Barueri: Manole, 2003.

RODRIGUES, A.; MALLOU, J. A Influência da Motivação na Intenção de Escolha de um Destino Turístico em Tempo de Crise Econômica. **International Journal of Marketing, Communication and New Media**. Burnaby/Canada, v. 02, n. 02. p. 5-42, jan-jun/2014.

SANTOS, Gustavo Antônio Galvão. DINIZ, Eduardo José. BARBOSA, Eduardo Kaplan. Aglomerações, Arranjos Produtivos Locais e Vantagens Locacionais. **Revista BNDES**. Rio de Janeiro: BNDES. v.11, nº 22. p. 151-179, dezembro/2004.

SEBBA, J. O Vinho Brasileiro tem Futuro? **Exame**, São Paulo, 22 de jun. 2017. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/negocios/o-vinho-brasileira-tem-futuro/> > Acesso em 30/10/2019.

SINDIVINHORS. **História**. Disponível em: < <http://www.sindivinhors.com.br/Sindicato?mobile=False&menu=2> > Acesso em 02/08/2019.

SCHNEIDER, Sérgio. A Abordagem Territorial do Desenvolvimento Rural e Suas Articulações Externas. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 6, nº 11, pg. 88-125, jan/jun 2004.

SEHNEM, A.; BERTOLINI, A. L.; UVEDA, V. P.; BARCELLOS, P. F. P. Estratégia e Competitividade Sistêmica: Estudo de Caso do Setor Vitivinícola da Serra Gaúcha. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia**. Joaçaba: Unoesc. v.01, n.01, p. 67-89, jan-dez/2002.

SOARES, F. Premiações de Espumantes Reforçam a Imagem das Vinícolas Gaúchas Dentro e Fora do País. **Pioneiro da Serra**, Porto Alegre, 11 set. 2018. Disponível em: < <http://especiais-pio.clicrbs.com.br/maisserra/59/central.html> > Acesso em: 03/11/2019.

TAKASAGO, Milene e MOLLO, Maria de Lourdes R. A Economia do Turismo e a Redução da Pobreza e Desigualdade no Brasil: o papel do Estado. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo: USP. v.19, n. 02. p.17, agosto/2008.

TONIETTO, J.; FLORES, C. A. Zoneamento edafoclimático da videira no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE FRUTICULTURA DE CLIMA TEMPERADO – ENFRUTE, 7, Fraiburgo, 2004. **Anais...Caçador**, Epagri, p. 53-58, 2004.

UNIÃO BRASILEIRA DE VITIVINICULTURA. **Quem Somos**. Disponível em: < http://www.uvibra.com.br/quem_somos.htm > Acesso em: 10/08/2019.

VALDUGA, Vander. O Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos (RS/BRASIL). **Revista Cultura e Turismo**. Ilhéus: UESC. ano 6. n.02. p. 133-137, junho /2012.

VALDUGA, Vander. **Enoturismo no Vale dos Vinhedos**. Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2011. 182 p.

VALDUGA, Vander. **O Processo de Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007, 151 f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2007.

VILLELA, Carlos. Substituição Tributária para Vinhos Gaúchos Será Extinta. **Jornal do Comércio**, 16/06/2019. Disponível em: < https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2019/06/689191-substituicao-tributaria-para-vinhos-gauchos-sera-extinta.html > Acesso em: 10/08/2019.

WEBER, E.; HASSENACK, H.; SARMENTO. E.C. Avaliação da Situação Topográfica dos Vinhedos no Vale dos Vinhedos, Rio Grande do Sul, Brasil. In: Congresso Latinoamericano de Viticultura e Enologia, 11º, 2007, Mendoza. **Anais...**Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 1-6.